

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES**  
Cinema e Audiovisual

RODRIGO PEREIRA SILVA FONSECA

**O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA**  
**A ESCRITA DO REALISMO MÁGICO PARA ROTEIRO AUDIOVISUAL**

**CUIABÁ-MT**

**2023**

RODRIGO PEREIRA SILVA FONSECA

O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA  
A ESCRITA DO REALISMO MÁGICO PARA ROTEIRO AUDIOVISUAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob a orientação Professor. Dr. Gabriel Costa Correia

**CUIABÁ-MT**

**2023**

RODRIGO PEREIRA SILVA FONSECA

**O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA**  
**A ESCRITA DO REALISMO MÁGICO PARA ROTEIRO AUDIOVISUAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso foi julgado e aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob a orientação do Professor. Dr. Gabriel Costa Correia

Cuiabá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Gabriel Costa Correia — Orientador

---

Prof. Dr. Leonardo Gomes Esteves — Convidado

---

Prof. Me.Christian Jordino Antonio Ferreira Alves da Silva — Convidado

Dedico aos meus pais Alexandre e Débora, minha irmã Victória, minha saudosa bisa Suely e meus amigos Leila, Laíza e Gustavo. Que foram suporte, incentivo e força nesse trajeto.

Dedico a Gabriel Garcia Marquez, que me ensinou a ver o fantástico no comum.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe, Débora, que em 2001, me apresentou ao cinema em uma sessão de "Monstros S.A.". Desde então, ela tem sido a minha bússola, a minha força e a minha maior incentivadora.

Agradeço ao meu pai, Alexandre, que em 2008, me levou ao cinema para ver "The Dark Knight", filme que definiu a minha escolha profissional. Ele é e sempre será o meu maior exemplo de sabedoria e hombridade.

Agradeço à minha irmã, que desde 2003, tem sido a minha maior companheira, protetora e motivo de orgulho, dando-me força para perseguir os meus objetivos.

Agradeço aos meus avós Roberto e Graça, que me levaram ao cinema centenas de vezes na infância e sempre impulsionaram meu lado criativo.

Agradeço à minha finada bisavó Suely, que mesmo analfabeta, sempre incentivou meus estudos e, sempre que podia, me presenteava com DVDs, o que incentivou a minha paixão pela sétima arte.

Agradeço à UFMT, que, mesmo com todas as investidas de um desgoverno, se manteve de pé, permitindo que o conhecimento se proliferasse.

Agradeço aos meus amigos Leila, Laíza e Gustavo, que fizeram parte de toda a jornada de graduação e foram meus parceiros em trabalhos, apresentações e, principalmente, na vida.

Agradeço a Thalita Cantalogo, minha companheira, que esteve comigo nos momentos bons e ruins da realização deste trabalho.

Agradeço a Gabriel García Márquez, que me apresentou um novo jeito de observar o mundo e a minha própria realidade.

Agradeço a Deus, que me trouxe até aqui, mesmo sem merecer.

Poucas coisas levei da minha frustrada tentativa de ser jornalista. A leitura de 'Cem anos de solidão' é a maior delas. Na época, impactado, aprendi que é possível ver o fantástico no comum, no popular, nos credos e no mais assustador que possa parecer, na opressão.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão tem como objetivo acompanhar a criação de um roteiro de filme de média metragem, que se inspira no movimento do Realismo Mágico. O Realismo Mágico, originado na literatura latino-americana do século XX, é caracterizado pela fusão de elementos fantásticos com a realidade cotidiana, destacando-se por suas narrativas cativantes e poéticas, cujos expoentes incluem nomes como Gabriel García Márquez e Isabel Allende.

Nesse processo de criação do roteiro audiovisual, enfrentaremos desafios únicos, como a transmissão da atmosfera mágica e poética do Realismo Mágico e a exploração das diferenças entre a linguagem literária e a cinematográfica. No entanto, essa empreitada também oferece oportunidades criativas, permitindo o uso de técnicas cinematográficas para construir um universo onde o real e o fantástico se entrelaçam de forma harmoniosa. Além disso, ao longo do trabalho, será feita uma contextualização histórica e social do movimento do Realismo Mágico, destacando sua importância e influência na cultura latino-americana e mundial.

**Palavras-chave:** Realismo Mágico, Roteiro, Literatura.

## **ABSTRACT**

This final project aims to track the creation of a medium-length film script inspired by the Magical Realism movement. Magical Realism, originating in 20th-century Latin American literature, is characterized by the fusion of fantastical elements with everyday reality, known for its captivating and poetic narratives, with notable figures including Gabriel García Márquez and Isabel Allende.

In this process of creating the audiovisual script, we will face unique challenges, such as conveying the magical and poetic atmosphere of Magical Realism and exploring the differences between literary and cinematic language. However, this endeavor also offers creative opportunities, allowing for the use of cinematic techniques to build a universe where the real and the fantastical interlace harmoniously. Furthermore, throughout the project, there will be a historical and social contextualization of the Magical Realism movement, highlighting its importance and influence on Latin American and global culture.

**Keywords:** Magical Realism, Screenplay, Literature.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Estátua de Borba Gato é Incendiada.....	26
<b>Figura 2:</b> Exemplificação de Busca.....	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1- Realismo Mágico.....</b>	<b>13</b>
1.2- Realismo Mágico e a Subjetividade Latino Americana.....	14
1.3 - Realismo Mágico e As ditaduras Latino Americanas .....	16
1.4 -Características Estruturais Literárias do Realismo Mágico.....	18
<b>CAPÍTULO 2- Construindo uma narrativa original .....</b>	<b>23</b>
2.1 Ideia Inicial .....	24
2.2 Argumento .....	29
2.4 Escaleta.....	34
<b>CAPÍTULO 3- Conclusão.....</b>	<b>37</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE- Roteiro 1º Tratamento.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso, investiga o processo de construção de um roteiro audiovisual, que busca transpor elementos do movimento literário Realismo Mágico, para uma narrativa original. Buscando entender as diferenças estruturais da escrita literária e a cinematográfica, e assim, procurando alternativas que permitam a traduções do estilo estético presente nos livros para um roteiro que respeite as regras e normas de um texto pensado cinematograficamente.

O Realismo Mágico é um movimento literário que surgiu no século XX, na literatura latino-americana. Combinando elementos do fantástico com o cotidiano, ele constrói narrativas que borram as fronteiras entre a realidade e a imaginação. Esse gênero é caracterizado por sua capacidade única de inserir elementos mágicos de forma fluida nas vidas dos personagens e em seus arredores. Essa abordagem criativa e alegórica possibilita uma reflexão profunda sobre problemas sociais sem confrontar diretamente a censura ou repressão, ao qual grande parte dos países na América Latina eram vítimas nesse período, e assim permitindo aos leitores enxergarem a realidade através de uma lente alegórica e filosófica.

Autores na vanguarda desse movimento, incluem o celebrado escritor colombiano Gabriel García Márquez, conhecido por *Cem Anos de Solidão*, e a escritora chilena Isabel Allende com *A casa de Espíritos*. Suas narrativas buscavam ser um retrato contemporâneo, histórico e social de seus países, ao mesmo tempo que buscavam construir uma atmosfera fantástica, muito se baseando na subjetividade religiosa e cultural de seus povos.

Um dos aspectos intrigantes do Realismo Mágico é seu papel em desafiar a censura e as restrições sociais. Em países onde regimes autoritários buscavam suprimir a expressão artística, o Realismo Mágico se tornou um veículo potente para os escritores transmitirem suas mensagens de forma simbólica e alegórica. Ao entrelaçar elementos mágicos e fantásticos com questões sociais e políticas, os autores podiam abordar temas delicados sem atrair uma fiscalização direta dos censores. A natureza ambígua do gênero permitia uma exploração mais profunda de temas complexos enquanto escapava da mão de ferro da censura.

Quando se discute realismo mágico, é explorado, em sua maioria, suas obras apenas no âmbito literário, mesmo que o movimento tenha se espalhado para outras áreas artísticas. Nas artes plásticas, por exemplo, Frida Kahlo foi um dos grandes expoentes dessa estética. No âmbito do cinema, pouco se é estudado academicamente sobre como a 7ª arte se apropria desse estilo em suas obras. Não pensado-o como estética, os elementos primordiais que constituem esse movimento, acabam sendo identificados, principalmente pelo grande público, como pertencentes a outros gêneros cinematográficos, em grande parte os associando-os a Fantasia ou Terror.

Para a elaboração de um roteiro original, é imperativo estabelecer uma compreensão sólida dos fundamentos que permeiam a construção narrativa, quando expressa através da sinergia entre a imagem e o som, diferentemente da literatura, cuja representação visual é moldada pelas peculiaridades da subjetividade do leitor. Essa perspectiva demanda, primeiramente, uma análise dos pilares que sustentam a criação de uma narrativa audiovisual, abrangendo a interação dinâmica entre os elementos visuais e sonoros, em busca de uma abordagem mais holística na transmissão da mensagem artística.

Ademais, para viabilizar tal projeto criativo, urge a necessidade de uma catalogação das características literárias e estéticas pertinentes ao movimento almejado. Nesse contexto, faz-se presente o entendimento da relevância histórica e cultural do movimento artístico, a fim de incorporar, de maneira congruente, essas influências na estrutura textual do roteiro, evitando assim incoerências ou descompassos.

Com efeito, a transposição de tais características para o texto deve se dar de forma orgânica, constituindo um exercício de adaptação e fusão artística entre as linguagens literária e audiovisual. Para alcançar uma interação coesa, é fundamental harmonizar elementos literários e estéticos aos recursos de imagem e som, conferindo ao roteiro uma essência genuína e uma fluidez narrativa que guiará o público por um percurso emocional e intelectual enriquecedor.

A base teórica deste projeto se fundamenta em uma variedade de artigos acadêmicos e testes, com destaque para o trabalho de Irlemar Chiampi. O conceito do Realismo Maravilhoso, tal como desenvolvido por Chiampi em sua obra seminal, representa um marco significativo na compreensão e análise dessa manifestação artística e literária. A contribuição de Chiampi oferece uma estrutura sólida para a análise das múltiplas camadas de significado que permeiam as narrativas do Realismo Maravilhoso. Ao explorar de que maneira os fatores culturais, históricos e sociais influenciam a construção dessas obras, este projeto se propõe a alcançar uma interpretação aprofundada e reflexiva que transcenda a superfície narrativa, explorando as sutilezas e ambiguidades inerentes a esse estilo.

Entendo que realismo mágico se difere dos outros tipos de fantástico na literatura, pela suas características culturais e regionais ligadas a crenças e mitos populares, a narrativa original proposta por esse trabalho visa utilizar de base a subjetividade cultural Cuiabana e assim construir narrativamente o fantástico.

## CAPÍTULO 1- Realismo Mágico

Em sua tese *Real Maravilhoso*, Champi, investiga a origem do termo “realismo mágico”, e tenta entender o porquê de sua gênese. No âmbito artístico do início do século XX, o realismo, conceito artístico que explora como objetivo reproduzir de maneira fiel as características típicas da realidade, entrava em desconstrução, onde artistas tanto da literatura, quanto da arte, sentiam que as características do movimento eram limitantes, impedindo que a realidade fosse explorada por outras óticas. Sendo assim, começaram a produção de obras, que apesar de apresentar elementos surrealistas, possuíam elementos realistas, que visavam explorar a vida cotidiana.

A constatação de um vigoroso e complexo fenômeno de renovação ficcional, brotado entre os anos 1940 e 1955, gerou o anseio de catalogar suas tendências e encaixá-las sob uma denominação que significasse a crise do realismo que a nova orientação narrativa patenteia.(CHIAMPI,2008, P.19)

Logo, a crítica viu necessidade de enquadrar as novas obras sobre uma nova categoria, que visava abordar a complexidade temática na nova maneira de se enxergar a realidade. O termo até então, era utilizado raramente por críticos europeus, mas possuía semântica diferente ao associado à produção latina americana. Em 1925, o crítico Franz Roh, em seu livro *Nach Expressionismus*, caracterizava realismo mágico como o pós expressionismo alemão, onde ao contrário do expressionismo, o movimento almejava transmitir uma mensagem ou significado que seja compreensível e significativo para um grande número de pessoas e que sirva como um exemplo representativo desse significado. A mágica em questão, era ligada a percepção, em oposição a analisar profundamente a natureza essencial do mundo real. Onde se valoriza a maneira como as percepções eram encaradas no passado como algo mágico ou especial, em vez de se concentrar apenas nas características fundamentais do mundo objetivo.

Segundo Chiampi, o teórico Massimo Bontempelli interpretava o realismo mágico como o movimento destinado a superar o futurismo, um movimento artístico do início do século XX focado na celebração da modernidade, velocidade e tecnologia. Portanto, esse movimento buscava explorar aspectos distintos da realidade, mantendo, no entanto, um vínculo com o que era palpável e visível.

Chiampi argumenta que as primeiras citações ao termo como conhecemos hoje, surgem nas críticas associadas à produção cultural literária hispano-americana que gerava contraste com as obras até então produzidas nos anos 30.

As motivações psicológicas e a centralidade do herói remetiam a uma predicação elementar e maniqueísta, não condizente com a complexidade das estruturas sociais latino-americanas. Por fim, a postura do discurso aliada à grandiloquência impressionista do estilo e à escassa imaginação verbal, era incapaz de absorver uma realidade mutante e heterogênea.(CHIAMPI,2008, P.20)

Importante atentar que o contexto político e sociocultural dos início dos anos 40 era cercado por tensões, em um mundo que se encaminha para uma guerra, a atmosfera cultural começou a ser impactada. O surgimento de autores como José Maria Arguedas, Jorge Luís

Borges e Alejo Carpentier que exploraram em suas obras questões etnológicas (estudo das culturas e dos costumes das diferentes sociedades humanas.) , psicanalíticas e socioculturais que buscavam retirar a centralidade narrativa do continente europeu, começou a chamar a atenção do meio acadêmico e crítico hispanoamericano.

Não existia consenso na maneira que se classificava o novo movimento latino americano, enquanto alguns críticos entendiam o realismo mágico como um estilo de narrativa que visava negar a realidade de maneira poética por meio de um “irrealismo”, outros entendiam como um conjunto de narrativas onde o tempo existe em uma espécie de fluidez atemporal e o irreal acontece como parte da realidade. Somente em 1967, após o lançamento de *Cem Anos de Solidão* ( Obra que ajudou a popularizar o realismo mágico fora da América Latina, tornando-o uma parte central do cânone literário global.) que Luis Leal em "El realismo mágico en la literatura hispanoamericana" apresenta o conceito mais próximo do entendimento que possuímos hoje, onde compreende que o estilo literário visava “normatizar o fantástico”, a ideia é que é através da narrativa dessas histórias de ficção que conseguimos entender a conexão entre o que é real e o que é mágico. A narrativa cria um ambiente onde eventos reais são retratados de maneira que também fazem parte do mundo mágico. Isso é o que dá ao realismo mágico o seu estilo único, misturando elementos do mundo real com elementos mágicos de uma forma que ambos parecem pertencer ao mesmo universo.

## 1.2- Realismo Mágico e a Subjetividade Latino Americana

Realismo Mágico, se torna um termo indissociavelmente ligado à cultura latino americana nos anos 40, muito pela necessidade de se distinguir o novo romance americano. Para aprofundar esse tópico, é preciso entender o que difere o Realismo Mágico do gênero Fantástico, afinal, muitos elementos presentes na estrutura literária do movimento, já eram utilizados por autores europeus como Kafka. Em *A Metamorfose*, por exemplo, temos uma situação fantástica habituada ao nosso mundo. Apesar do elemento extranatural( Gregor acorda metamorfoseado num inseto monstruoso.) causar desconforto naquela realidade onde se passa, os personagens logo aprendem a conviver com o absurdo e de certa maneira naturaliza-lo. Alguns estudiosos sugeriram que o movimento se distinguiu por estar relacionado a observar mitos de uma maneira objetiva, enquanto outros acharam difícil diferenciar isso do estilo de literatura fantástica tradicional.

Enquanto este fazia coincidir o realismo mágico com o que denominamos grosso modo "naturalização do irreal", relacionando-o com o modo kafkiano de tornar verossímeis os acontecimentos sobrenaturais...(CHIAMPI,2008, P.26)

Em seu livro *El reino de este mundo*( Exponente do movimento) , o Cubano Alejo Carpentier escreve em seu prólogo, o que viria a ser fator determinante quando pensado o movimento. O autor sugere que o que constrói a individualidade do realismo mágico é a maneira como ele aborda a subjetividade americana.

Esse episódio, extraído do romance "El reino de este mundo" (1949) de Alejo Carpentier, constitui um exemplo privilegiado do "real maravilhoso americano": a união de elementos dispares, provenientes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental. Essa expressão, frequentemente associada ao realismo

mágico pela crítica hispano-americana, foi cunhada pelo escritor cubano para designar não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental.(CHIAMPI,2008, P.32)

Aprofundando ainda mais no conceito, Pierre Mabilie ,filósofo e crítico literário, argumenta em seu livro *Le Miroir du Merveilleux* , que o mágico e o maravilhoso presente nas narrativas americanas se encontravam em um viés antropológico. Sendo assim, é no folclore e nas tradições culturais onde existe o “milagroso”. A valorização da fé, dos ritos, dos mitos e das crenças presente nas culturas periféricas latino americanas tornavam singular o ponto de vista sobre o fantástico.

Arturo Uslar Pietri, autor venezuelano, afirma que o que torna o realismo mágico verdadeiramente latino-americano é a compreensão de uma realidade e uma sociedade formadas por elementos distintos daqueles presentes nas várias nações europeias. Na visão do realismo mágico da América Latina, não se deixa de lado a realidade concreta para construir uma outra realidade apenas viável no mundo da imaginação. Existe uma percepção da realidade nas ocorrências e nas representações mágicas do cotidiano, que retratam com precisão uma realidade antes invisível, cheia de contradições e rica em peculiaridades e distorções, que a tornam singular e surpreendente para os padrões da literatura convencional. Em resumo, o realismo mágico latino-americano é fundamentado na percepção de uma realidade que é magicamente intrínseca, sem necessitar de elementos estranhos ou imaginários para criar um ambiente mágico. A percepção da realidade ocorre por meio das atividades surpreendentes e das personificações mágicas que fazem parte da vida cotidiana.

Não era um jogo da imaginação, mas um realismo que refletia fielmente uma realidade até então invisível, contraditória e rica em peculiaridades e deformações, que a tornavam inusitada e surpreendente para as categorias da literatura tradicional (PIETRI, s/d, p. 275).

A liberdade da imaginação e a apresentação de eventos extraordinários, como vistos em narrativas fantásticas ou sobrenaturais, não são suficientes para definir nossa literatura. Isso ocorre porque nossa realidade, por si só, já contém um elemento mágico que se entrelaça com aspectos da realidade visível, experimentada em sua concretude. Portanto, o realismo mágico envolve a compreensão da realidade latino-americana em toda a sua complexidade e singularidade, valorizando suas particularidades e características que a distinguem das encontradas na Europa.

É importante acrescentar que o realismo mágico também reflete a relação intrínseca dos povos latino-americanos com suas crenças e superstições, fatores determinantes para a afirmação anterior. A interação desses elementos culturais influencia a maneira como a realidade é percebida e retratada na literatura. Dessa forma, o realismo mágico não apenas reafirma a identidade e originalidade da literatura latino-americana, mas também a enriquece ao incorporar as ricas influências espirituais e folclóricas que moldam a visão de mundo da região. Isso destaca nossa produção literária como uma expressão autônoma, distinta dos modelos europeus, e ressalta a profunda conexão entre a cultura, a espiritualidade e a criação artística na América Latina.

No entanto, o que os escritores que cunharam os dois conceitos queriam era valorizar o abundante material

oferecido pelo cotidiano, aproveitando-o com o suporte de uma nova concepção de escrita que essas obras apresentam de forma incontestável. A literatura latino-americana afirma-se, assim, na medida em que se volta para a sua própria realidade composta do encontro de muitos povos e culturas de diversas partes do planeta, extraindo dela o seu próprio modelo. (SANTOS e BORGES, 2018, p.26)

### 1.3 - Realismo Mágico e As ditaduras Latino Americanas

A experiência vivida pelo Brasil, Bolívia, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado foi profundamente marcada pela imposição de regimes autoritários. Durante esse período sombrio, ambos os países enfrentaram um cenário de repressão política e violações dos direitos humanos, onde partidos de esquerda foram declarados ilegais. Os militares assumiram o controle e impuseram um controle rigoroso sobre a sociedade, resultando em um clima de temor e censura.

Como Repúblicas, Chile e Brasil viveram a experiência de serem comandados por militares durante parte das décadas de 60, 70 e 80 do século passado. Os partidos de esquerda foram considerados ilegais e o processo de transição para a democracia foi severamente conduzido pelos militares. (MAIA, 1982, p. 17)

A transição para a democracia, embora uma aspiração universalmente desejada, não ocorreu de maneira suave. Pelo contrário, foi caracterizada por um processo severo e muitas vezes desordenado, conduzido em grande parte pelas próprias forças militares que haviam dominado o poder. A tensão entre os ideais democráticos e a persistente influência militar trouxe desafios substanciais para a consolidação de sistemas democráticos estáveis.

Nesse contexto, é impossível ignorar a triste realidade das torturas. As denúncias de tortura e maus-tratos emergiram como uma constante e desoladora característica das ditaduras militares latino-americanas. Essas práticas cruéis eram usadas como instrumento de repressão e coerção contra aqueles que se opunham aos regimes. Denunciadas repetidamente por organizações de direitos humanos e sobreviventes, essas ações deixaram uma cicatriz indelével nas histórias dessas nações.

As torturas, tão recorrentes e denunciadas durante as ditaduras militares latino-americanas, decorrem da perpetuação de um sistema de opressão e exclusão política que se estendeu por décadas. (MAIA, 1982, p. 17)

A história do Brasil e do Chile sob regimes autoritários é um lembrete angustiante das profundas cicatrizes que tais períodos deixam na sociedade. A repressão dos partidos de esquerda, a transição tumultuada para a democracia e as terríveis práticas de tortura compõem um mosaico trágico que não pode ser esquecido. Essas experiências desafiam a necessidade de vigilância constante em relação aos direitos humanos e ao estado de direito, servindo como um alerta para as consequências devastadoras da usurpação do poder por regimes autocráticos.



O realismo mágico, uma corrente literária caracterizada pela interseção entre o real e o fantástico, revelou-se uma estratégia profunda e intrincada de resistência em face das ditaduras militares que assolaram a América Latina ao longo do século XX. Em um contexto em que a liberdade de expressão estava sufocada e a censura imperava, o emprego dos elementos mágicos na literatura não foi apenas uma tentativa de contornar as restrições impostas pelos regimes autoritários, mas também um ato de ousadia intelectual que se insurgiu por meio das palavras.

A análise dessa relação entre a literatura como forma de resistência e a ditadura como forma política antidemocrática pode ser feita de duas maneiras: por meio da exploração de conceitos literários e políticos e por meio de práticas literárias e políticas. No primeiro caso, há um estudo teórico e um conteúdo considerável de abstração. No segundo caso, um estudo com viés empírico e historiográfico, que parte de experiências de leitura e é complementado por análises contextuais e busca de subtextos. (MAIA, 1982, p. 2)

Ao explorar o poder do sobrenatural e do inexplicável, os escritores engajados em realismo mágico foram capazes de transcender as barreiras da realidade palpável para abordar de maneira velada, porém profunda, as complexidades políticas e sociais de suas nações. Um exemplo icônico desse fenômeno reside na obra-prima de Gabriel García Márquez, "Cem Anos de Solidão". Nesse romance, a cidade fictícia de Macondo torna-se um microcosmo de uma sociedade mergulhada em turbulência política e histórica, com elementos mágicos servindo como metáforas para realidades sociais e políticas, como a opressão e a exploração.

"Cem anos de solidão" traz uma grande carga de idealismo político e luta social encarnada por seu autor, Gabriel García Márquez, um intelectual engajado no discurso de uma unidade que ultrapasse questões culturais e se baseie antes de tudo em questões políticas e econômicas da América Latina com denúncias sobre a manipulação nestas duas esferas e também em termos históricos. (SILVA, Bruna Ferreira. 2016)

Além disso, o realismo mágico também se manifestou como uma forma de preservar e construir uma memória coletiva desse período sombrio da história latino-americana. Autores como Julio Cortázar, em "O Jogo da Amarelinha", conseguiram encapsular as tensões e a ansiedade do cotidiano sob regimes autoritários através de narrativas não lineares e fragmentadas, desafiando as estruturas tradicionais da narrativa. Ao fazer isso, eles não apenas recriaram a atmosfera da época, mas também forjaram uma conexão emocional com os leitores contemporâneos e futuros, mantendo viva a lembrança dos tempos de repressão.

A representação simbólica de questões políticas e sociais através do realismo mágico também pode ser observada em "A Casa dos Espíritos", de Isabel Allende. Nessa obra, elementos sobrenaturais são entrelaçados com os acontecimentos da vida de uma família, permitindo que a autora critique tanto a ditadura em seu Chile natal quanto explore temas como desigualdade de gênero e luta de classes.

"A casa dos espíritos" tem elementos de um romance realista e fantástico, permeado pela magia e

protagonizado por quatro mulheres de nomes significativos: Nívea, Clara, com dons de clarividência, Blanca e Alba – neta de Clara e filha de Blanca –, que se torna socialista e, portanto, opositora do patriarca Esteban Trueba, senador latifundiário reacionário de uma República corrupta. Os eventos se passam entre 1905 e 1975, e contam com três narradores: Esteban, Clara e Alba. Novamente, há uma multiplicidade de personagens e, nesse caso, a polifonia leva o leitor, em várias partes, a se perguntar quem está contando a história. É uma narrativa histórica da formação das forças políticas no Chile durante o século XX, na qual a ficção interpenetra a realidade – contendo acontecimentos em certos casos plausíveis e em outros de ordem sobrenatural – e com elementos de sonho e terror. Como em "Cem anos de solidão," a narrativa poderia continuar infinitamente. (MAIA, 1982, p. 13)

Em síntese, o realismo mágico emergiu como uma forma rica e multidimensional de resistência literária durante as ditaduras militares na América Latina. Sua habilidade de mergulhar no mágico e no absurdo não apenas possibilitou a esquiva da censura, mas também concedeu aos escritores uma plataforma para exprimir de maneira alegórica e simbólica as complexas realidades políticas e sociais de seus tempos. Ao mesmo tempo, essas obras deixaram um legado duradouro ao contribuírem para a construção de uma memória coletiva desse período histórico e ao estabelecerem um diálogo com as gerações futuras sobre as lutas e as esperanças que marcaram aquela era tumultuosa.

#### **1.4 Características Estruturais Literárias do Realismo Mágico**

É imperativo proceder à enumeração das características mais proeminentes nas configurações das narrativas que se inserem no contexto do realismo mágico. Para a elaboração deste capítulo, tomam-se como referência dois pilares significativos deste movimento literário, a saber, a obra "Cem Anos de Solidão" de Gabriel García Márquez e "A Casa dos Espíritos" de Isabel Allende. Por intermédio destas obras, e alguns textos acadêmicos, almeja-se identificar atributos comuns e, conseqüentemente, compreender a estrutura subjacente que dá forma à subjetividade inerente a este movimento literário.

A primeira característica que é possível perceber é a fusão do real e do fantástico. Em "Cem Anos de Solidão", Gabriel García Márquez cria um mundo fictício chamado Macondo, onde eventos mágicos e sobrenaturais ocorrem no contexto da vida cotidiana da família Buendía. Por exemplo, personagens que vivem por séculos, chove prata, e os mortos voltam à vida. A naturalidade com que esses eventos são narrados, sem surpresa ou questionamento, é característica do realismo mágico. Um exemplo notável é a personagem Remedios, a Bela, que ascende aos céus enquanto faz a colcha da família, desaparecendo literalmente da vista de todos.

Em "A Casa dos Espíritos" de Isabel Allende, a autora chama a atenção para a mesma fusão de elementos mágicos em um cenário realista. A história é ambientada no contexto político e social do Chile, mas elementos sobrenaturais estão presentes ao longo da narrativa. Clara, uma das personagens principais, possui dons de clarividência e telecinesia, e sua família aceita esses dons como algo natural. Além disso, a casa em que vivem, a Casa dos

Espíritos, está repleta de fenômenos inexplicáveis, como objetos que se movem por conta própria.

Ambos os romances exemplificam como o realismo mágico permite que elementos fantásticos se entrelaçam com a realidade, criando um mundo literário onde o extraordinário é tratado com a mesma naturalidade que o mundano. Essa fusão única entre o real e o fantástico é uma das características mais distintivas do realismo mágico e contribui para a profundidade e a complexidade dessas histórias.

A propensão dos textos realistas mágicos para admitir uma pluralidade de mundos significa que eles frequentemente se situam em território liminal entre ou entre esses mundos - em regiões fenomenais e espirituais onde a transformação, metamorfose, dissolução são comuns, onde a magia é um ramo do naturalismo ou do pragmatismo. (Zamora, Faris 1995:5)

Outro elemento presente é a ambiguidade e a dualidade, que são características intrínsecas ao realismo mágico, que permite criar camadas de significado e múltiplas interpretações. Tanto em "Cem Anos de Solidão" quanto em "A Casa dos Espíritos", essa ambiguidade é habilmente explorada para adicionar profundidade às narrativas.

Todorov conclui que ainda que possam surgir o estranho ou o maravilhoso, na literatura fantástica, o fantástico puro deixa então de existir, na medida em que a hesitação experimentada pelo leitor, geradora da ambiguidade da própria narrativa, só dura num momento da leitura. O estranho provoca a ambiguidade desejada mas acaba por a dissipar, oferecendo ao leitor uma explicação racional para os eventos meta-empíricos. (SERRA, 2005, p.36)

Em "Cem Anos de Solidão", o personagem José Arcadio Buendía é um exemplo claro dessa ambiguidade. Ele é obcecado por criar gelo em uma região tropical, o que parece um elemento mágico e irreal. Essa busca obstinada é uma metáfora da busca humana pelo conhecimento e pelo impossível. A dualidade reside no fato de que, embora suas experiências sejam frequentemente interpretadas como fantasias ou loucura, elas também podem ser vistas como representações de sua busca incansável pelo desconhecido.

Já em "A Casa dos Espíritos", a personagem Clara possui dons paranormais, incluindo a capacidade de ver o futuro e se comunicar com espíritos. Esses dons poderiam ser vistos como elementos mágicos, mas também podem ser interpretados como metáforas para a intuição, a sensibilidade e a conexão espiritual. A dualidade está presente na forma como esses dons afetam sua vida e a vida daqueles ao seu redor, questionando se eles são uma bênção ou uma maldição.

Os elementos mágicos muitas vezes simbolizam questões mais profundas, como a condição humana, as complexidades das relações familiares, os desafios políticos e sociais, e a relação entre a vida cotidiana e o extraordinário. Essas interpretações múltiplas e a ambiguidade entre o real e o imaginário convidam os leitores a explorar significados mais profundos e a refletir sobre os temas universais abordados nas obras.

A naturalidade na abordagem de elementos mágicos na literatura é uma técnica narrativa que cativa os leitores, integrando o sobrenatural à realidade dos personagens de maneira inquestionável. Em "Cem Anos de Solidão" de Gabriel García Márquez, essa técnica se manifesta de forma marcante em diversos momentos.

Ao contrário do fantástico, do estranho e do maravilhoso, conforme definidos por Todorov, o realismo mágico aborda o sobrenatural com a mesma materialidade e factualidade que o natural (Bowers 2013). Mesmo em suas várias definições, o realismo mágico mantém a materialidade da magia como uma de suas características centrais.(SIMÃO,2020,p.23)

Um exemplo notável é a personagem Melquíades, um cigano que, ao longo da narrativa, age como um guia espiritual e literário para a família Buendía. Melquíades é capaz de prever eventos futuros e, mesmo após sua morte, continua a aparecer em forma de fantasma para orientar os personagens. Esse fenômeno é aceito pelos membros da família como algo completamente natural, e eles buscam seus conselhos e previsões sem hesitação.

Já em A Casa dos Espíritos, os elementos mágicos estão entrelaçados com a vida da família Trueba. Um exemplo notável é a figura de Esteban Trueba, que experimenta encontros com o sobrenatural. Durante uma das suas viagens para o campo, ele se depara com uma casa assombrada que é habitada por espíritos. No entanto, sua reação é mais de curiosidade do que de choque, como se tais encontros fossem comuns em seu mundo. Isso contribui para o senso de estranheza e mistério que permeia a narrativa.

Os exemplares literários em análise exploram a naturalidade na incorporação de elementos mágicos à trama, convidando os leitores a aceitar o extraordinário como parte integral da realidade dos personagens. Essa técnica literária cria uma atmosfera única e imersiva, permitindo que os leitores mergulhem em universos onde o sobrenatural é aceito e explorado de forma autêntica, tornando as histórias ainda mais ricas e cativantes.

Os textos literários analisados exemplificam a estratégia narrativa que consiste na naturalização dos elementos mágicos, propiciando aos leitores a internalização destes como intrínsecos à realidade dos personagens. Esta técnica literária engendra uma atmosfera singular e envolvente, proporcionando aos leitores uma imersão profunda em universos ficcionais onde o extraordinário é plenamente admitido e explorado, conferindo, assim, maior profundidade e fascínio às narrativas.

A incorporação de elementos culturais, folclóricos e mitológicos no contexto narrativo, conferindo à trama uma profundidade cultural de grande relevância. O presente texto se propõe a analisar exemplos dessa abordagem em "Cem Anos de Solidão" e "A Casa dos Espíritos" em um contexto acadêmico.

Textos rotulados como realismo mágico se baseiam em sistemas culturais que não são menos "reais" do que aqueles nos quais o realismo literário tradicional se baseia - muitas vezes sistemas culturais não-ocidentais que privilegiam o mistério sobre o empirismo, a empatia sobre a tecnologia e a tradição sobre a inovação. Seu principal investimento narrativo pode estar em mitos, lendas, rituais - ou seja, em práticas coletivas (às vezes orais e performáticas, além

de escritas) que unem comunidades. (Zamora, Faris. 1995)

Em *Cem Anos de Solidão* ambientado em Macondo, uma cidade fictícia da Colômbia, observa-se uma proeminente influência da cultura e mitologia latino-americanas. O autor incorpora elementos do folclore regional e da história local, como a Guerra dos Mil Dias, que se reflete nas tramas e conflitos das personagens. Além disso, a presença de nomes como José Arcadio, Aureliano e Fernanda evoca as tradições culturais da América Latina.

Já em *A Casa dos Espíritos* de Isabel Allende, a riqueza cultural desempenha um papel fundamental na narrativa. A autora chilena incorpora elementos do folclore e da história do Chile em sua trama. O título da obra, por si só, sugere uma conexão com o sobrenatural e a mística que caracterizam a cultura chilena. A personagem Clara, dotada de dons mediúnicos, incorpora aspectos do xamanismo e da espiritualidade indígena, adicionando uma dimensão cultural à história. Além disso, o contexto político do Chile, com a ascensão de Salvador Allende e o posterior golpe militar, também contribui para a riqueza cultural da narrativa, demonstrando como os eventos históricos estão entrelaçados com o enredo.

Em ambos, o realismo mágico se revela como um veículo para a exploração das raízes culturais e mitológicas das respectivas regiões em que se situam. A incorporação habilidosa desses elementos enriquece as narrativas e proporciona aos leitores uma experiência literária que vai além do mero entretenimento, oferecendo uma análise mais profunda das tradições e identidades culturais.

Metáforas e simbolismo são recursos literários que desempenham um papel fundamental no realismo mágico, permitindo que elementos mágicos se tornem veículos para explorar questões mais amplas de natureza social, política e filosófica. Nos livros "Cem Anos de Solidão" e "A Casa dos Espíritos", esses recursos literários são habilmente empregados para criar camadas de significado profundas em suas narrativas.

"Cem Anos de Solidão" também está repleto de simbolismo, embora o faça de maneira mais sutil. Faz referência a Melquíades e sua fórmula para a imortalidade; ele pede a Aureliano que queime mercúrio, o que pode ter uma analogia com a cultura clássica greco-romana do deus Mercúrio, que representava os viajantes, os oradores habilidosos e tinha a habilidade da oratória para a negociação e o comércio. (BARBA, 2022, p.9)

Em "Cem Anos de Solidão", o gelo que é produzido pela máquina construída é um exemplo marcante de metáfora e simbolismo. Esse gelo, que possui a capacidade de congelar até mesmo os pensamentos das pessoas, pode ser interpretado como uma representação das implicações opressivas do poder e da autoridade. O gelo simboliza a repressão de ideias e a falta de liberdade de expressão em uma sociedade dominada por governantes autoritários. Essa metáfora serve como uma crítica social sutil e eficaz, permitindo que o leitor reflita sobre questões mais amplas relacionadas ao abuso de poder.

Em "A Casa dos Espíritos", o espírito que assombra a casa da família pode ser interpretado como um símbolo das memórias e dos segredos que assombram a história da família e, por extensão, do próprio país. Esse espírito representa as injustiças e os traumas do passado que continuam a influenciar o presente. Através dessa metáfora sobrenatural, a autora aborda questões políticas e sociais, explorando temas como a opressão, a luta por justiça e a necessidade de confrontar o passado para avançar.

## CAPÍTULO 2- Construindo uma narrativa original

Para se construir uma narrativa original tendo como base o Realismo Mágico, primeiramente é preciso entender quais são as suas características dominantes, e a partir disso construir um storyteller que não somente apresentem essas características, como também as incorporem a um novo significado, e principalmente de uma maneira que converse de forma coesa com a trama que o roteiro se propõe a contar. É preciso pensar também, que um roteiro, ao contrário da literatura, tem que ser pensado como construção visual, onde mostrar é mais importante que contar. De acordo com Syd Field, autor de "Screenplay: The Foundations of Screenwriting" (1979), "A diferença fundamental entre escrever para a página e escrever para a tela é que, na escrita literária, você tem o luxo do tempo e da introspecção, enquanto na escrita de roteiros, você deve contar uma história visualmente, em tempo real." Robert McKee, autor de "Story: Substance, Structure, Style, and the Principles of Screenwriting" (1997), complementa essa ideia, destacando que a literatura nos permite entrar na mente dos personagens, explorar seus pensamentos e sentimentos mais profundos. No roteiro, a ênfase está na ação visível e no diálogo que avança a trama, deixando menos espaço para a introspecção.

O roteiro audiovisual realizado como produto final deste trabalho de TCC é fundamentado nas estruturas de roteiro de Doc Comparato, que não somente é um grande e renomado roteirista e teórico do cinema brasileiro, que assinou filmes como "O Beijo no Asfalto" e que co-escreveu junto com Gabriel García Márquez a minissérie "Me Alquilo Para Soñar". Em seu livro "Da Criação Ao Roteiro - Teoria e Prática", a criação de um roteiro para cinema ou televisão é um processo que envolve várias etapas essenciais. A seguir, explorarei essas etapas e entenderei o que cada uma delas faz para criar uma narrativa coerente:

Uma narrativa começa com uma ideia inicial, uma faísca de inspiração que pode assumir diversas formas, desde um conceito intrigante até uma imagem vívida. Essa ideia serve como ponto de partida, dando início ao processo criativo.

Em seguida, é necessário transformar essa ideia abstrata em um conflito. Isso implica em dar à história uma direção clara, uma pergunta central que a narrativa buscará responder. Essa fase envolve a elaboração de uma sinopse ou resumo que delinea o conflito principal da história.

Os personagens desempenham um papel fundamental no processo. Eles são os protagonistas da história, as pessoas com as quais o público se identifica e se conecta. Portanto, desenvolver personagens tridimensionais, com motivações, evolução e complexidade emocional, é essencial para tornar a narrativa envolvente.

A estrutura dramática, muitas vezes representada por uma escaleta, organiza a história em termos de atos, cenas e eventos. Muitas histórias seguem uma estrutura em três atos, onde cada ato desempenha um papel específico: introdução, desenvolvimento do conflito e resolução. A estrutura dramática ajuda a planejar como a história se desenrolará.

O tempo é um recurso crucial na narrativa. O ritmo da história, a criação de tensão e a sincronização dos eventos com o progresso da trama são considerações importantes. O diálogo entre personagens desempenha um papel fundamental na gestão desse tempo dramático.

Por fim, a unidade dramática é essencial para manter a coesão e o interesse da história. Cada cena deve ter um propósito claro na narrativa, seja para desenvolver personagens, avançar na trama ou criar momentos memoráveis. Essa unidade ajuda a manter a narrativa coesa e envolvente para o público.

Durante o processo de desenvolvimento do roteiro, minha abordagem inicial será a formulação de uma ideia singular e envolvente. Subsequentemente, procederei à sua aprofundação, transformando-a em um conflito sólido que servirá de alicerce para toda a trama do média-metragem. Priorizarei a criação de personagens memoráveis e a meticulosa atenção à estrutura dramática, com o objetivo de assegurar que a narrativa seja rica e cativante. Como base fundamental, incorporarei elementos característicos do realismo mágico, conforme exemplificado nas obras literárias de Allende e Márquez. Esses elementos fornecerão o conflito central que impulsionará a história.

## 2.1 Ideia Inicial

Ao ler *A Casa dos Espíritos*, muito me interessou toda a semântica ao redor de um fantasma, principalmente em como Allende explora o personagem Esteban Trueba. A diferença que uma autora latina trás para uma figura fantasmagórica é completamente diferente da que qualquer outro escritor traria, se distanciando dessa visão de terror, Allende se propõe a utilizar o fantasma como observador, sendo assim Esteban Trueba morre no final da história, mas seu espírito continua a vagar pela casa e a observar sua família. Sua presença como um fantasma simboliza a continuidade da história da família Trueba e a influência duradoura que ele exerceu sobre ela.

A concepção de um espírito persistente, deixando uma marca duradoura e influenciando gerações futuras, é uma noção que ultrapassa fronteiras e não se limita à cultura latino-americana, como exemplificado na obra *"Hamlet"* de William Shakespeare. No entanto, a singularidade da abordagem de Isabel Allende a esse conceito reside na maneira pela qual ela o enriqueceu com características e temáticas inerentes à América Latina, especialmente relacionadas aos tempos turbulentos das ditaduras na região.

De acordo com o pensador Johan Galtung e seu livro *"Violence, Peace and Peace Research"* (1969), que investiga as várias manifestações da violência e suas interligações, podemos categorizar a violência em três tipos primários.

**Violência Direta:** Esta é a forma mais evidente de violência, caracterizada por ações físicas ou verbais que resultam em dano imediato a indivíduos ou grupos.

**Violência Estrutural:** A violência estrutural está profundamente enraizada em estruturas sociais, políticas e econômicas que perpetuam a desigualdade e causam danos sistêmicos a grupos inteiros ao longo do tempo.

**Violência Cultural:** Envolve a disseminação de ideologias, crenças ou estereótipos que servem para justificar ou perpetuar tanto a violência direta quanto a violência estrutural. Essas crenças culturais podem contribuir para a normalização da violência em uma sociedade.

A influência da ditadura militar no Brasil atual pode ser analisada à luz do *"Triângulo da Violência"* de Johan Galtung, destacando como as diferentes formas de violência estão interligadas e persistem ao longo do tempo. Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), houve uma violência direta e flagrante contra aqueles que se opunham ao



regime, incluindo prisões arbitrárias, torturas e assassinatos de opositores políticos. Esses atos de violência direta deixaram cicatrizes profundas na sociedade brasileira.

Além disso, a ditadura também implantou estruturas autoritárias que restringiam a liberdade de expressão, controlavam os meios de comunicação e promoviam a censura, reforçando a desigualdade de poder e minando a democracia. Durante esse período, houve uma disseminação de ideologias autoritárias e nacionalistas que justificavam a repressão e a violência, moldando a cultura política da época.

Hoje, mesmo após o fim da ditadura, essas formas de violência persistem e continuam a influenciar a democracia brasileira. O país enfrenta altos índices de violência e abusos dos direitos humanos, refletindo a mentalidade de controle autoritário que sobrevive da era da ditadura. A desigualdade econômica também persiste, com políticas que beneficiam as elites econômicas e a falta de acesso a serviços básicos, como educação e saúde, perpetuando essa desigualdade.

Além disso, a disseminação de ideologias autoritárias e a glorificação da ditadura em certos círculos políticos contribuem para a manutenção de elementos culturais autoritários. A anistia concedida aos perpetradores da ditadura e a presença de símbolos antidemocráticos, como estátuas e ruas em homenagem a figuras da ditadura, são exemplos disso.

Conseqüentemente, a ditadura militar no Brasil continua a ser um "fantasma" para a democracia brasileira. A falta de responsabilização pelos abusos do passado, juntamente com a persistência de estruturas de poder desiguais e a presença de elementos culturais autoritários, representa um desafio para a consolidação da democracia plena no país. A compreensão dessa correlação entre a ditadura e a atualidade é essencial para abordar essas questões e trabalhar em direção a uma sociedade mais justa e democrática.

Com base nesse pensamento, desenvolvi uma breve ideia de um fantasma remanescente da ditadura, cuja presença influencia o comportamento das pessoas nos dias atuais, personificando assim a presença de ações e pensamentos antidemocráticos ainda existentes no Brasil. Mas que rosto dar a essa personificação? Pensando narrativamente, seria pouco interessante um fantasma sem rosto, uma figura apenas com um uniforme militar. Em minha concepção, escrever um personagem com tão pouco a oferecer seria esvaziar o significado da discussão que ele se propõe a fazer.

Pensando em dar um rosto a essa figura, lembrei-me da polêmica ocorrida em 2021, na Zona Sul de São Paulo, onde a estátua do escravagista Borba Gato, que desde 1962 (fundada à beira da ditadura ser instaurada no país), permanecia em uma grande avenida em São Paulo. Essa situação foi muito interessante, pois não apenas mostrava a resignificação histórica e a mudança de consciência que os brasileiros estavam tendo em relação às suas figuras históricas, mas também se refletia em uma ação de protesto contra o presidente em exercício, Jair Bolsonaro, o mesmo que atentou contra a democracia diversas vezes em seu mandato e que, publicamente, dentro de um ambiente democrático, saudou o torturador Ustra.

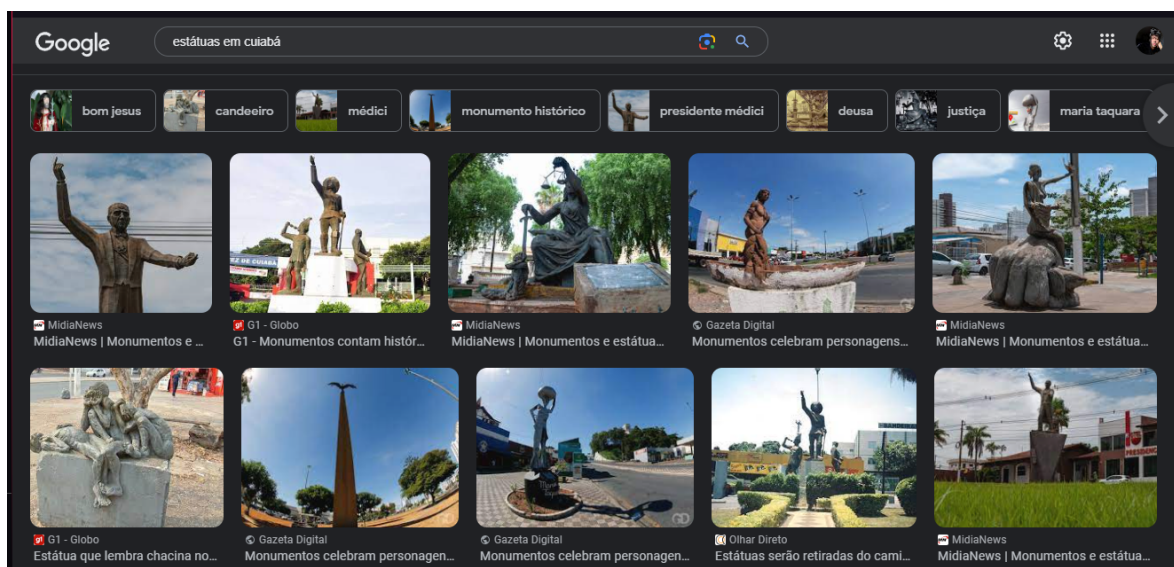
FIGURA 1- Estátua de Borba Gato é Incendiada



Fonte: Google Search Console

Não foi difícil encontrar um rosto para esse personagem, e honestamente, não imaginei que encontraria algo tão significativo. Após decidir situar a história em Cuiabá, não apenas pela familiarização, mas também pela diversidade étnico-racial e cultural presente na cidade, fiz uma pesquisa no Google por "Estátuas em Cuiabá". A primeira opção não poderia exemplificar melhor o propósito deste trabalho.

FIGURA 2- Exemplificação de Busca



Fonte: Google Search Console

A primeira e a última foto (da esquerda para a direita) referem-se a uma homenagem na BR-163, Km 09, da Rodovia 364, na saída de Cuiabá em direção a Rondonópolis. Destaca-se a imponente estátua do presidente da Ditadura Militar, Emílio Garrastazu Médici. Essa estátua foi construída em agradecimento à mesma rodovia que foi construída durante seu governo.

Em uma breve contextualização, Emílio Garrastazu Médici foi um dos generais-presidentes que lideraram o Brasil durante a Ditadura Militar, ocupando o cargo de 1969 a 1974. Seu governo foi marcado por um período de repressão intensa e restrição das liberdades civis no país.

Durante o governo de Médici, o Brasil viveu um dos momentos mais sombrios de sua história recente. Sua administração ficou conhecida por sua política de repressão brutal a qualquer forma de oposição política. O regime militar adotou medidas autoritárias, como a censura à imprensa, perseguição a dissidentes políticos e o fechamento do Congresso Nacional. Essa repressão não poupou nem mesmo artistas, intelectuais e estudantes que se opunham ao regime.

No governo Médici, observamos o auge da ação dos instrumentos de repressão e tortura instalados a partir de 1968 com a declaração do AI-5. O que antes era denominado de “porões da ditadura” agora estavam garantidos pelo Estado para promover a tortura e o assassinato no interior de delegacias e presídios. A guerrilha, que usou de violência contra o regime, foi seriamente abalada com o assassinato de Carlos Lamarca e Carlos Marighella. (OLIVEIRA,2012,P.64)

Além da repressão interna, o governo Médici também se envolveu em operações de combate à guerrilha rural, especialmente na região do Araguaia, onde ocorreram conflitos violentos entre guerrilheiros e forças militares. A repressão estendeu-se a sindicatos e movimentos sociais, restringindo a liberdade de organização e protesto.

Apesar desse período sombrio de repressão política, o governo Médici também é lembrado por promover um período de rápido crescimento econômico conhecido como “milagre econômico”. Esse crescimento, no entanto, foi acompanhado por altos níveis de desigualdade social e concentração de renda, o que aprofundou as divisões sociais no país.

Além da vitória na Copa do Mundo, vivia-se o clima do chamado milagre econômico. Momento de crescimento econômico considerado excepcional, em que ocorreu o modelo de crescente desenvolvimento junto com a concentração de renda e a pobreza, como já enfatizamos anteriormente. Elio Gaspari faz apreciação da sensação de vivência neste período que também foi considerado “Anos de Chumbo”. (OLIVEIRA,2012,P.63)

O governo de Emílio Garrastazu Médici terminou em 1974, mas seus efeitos e a memória da repressão da Ditadura Militar perduraram por muitos anos. Somente na década de 1980, com o processo de redemocratização, o Brasil começou a enfrentar seu passado autoritário e a buscar justiça para as vítimas da repressão.

A estranheza evocada por um monumento como esse serve como ponto de partida para a criação do fantástico. Contudo, durante esse processo criativo, há o risco de desviar da essência do realismo mágico e adentrar no gênero do horror. É crucial lembrar que, para manter a conformidade com as características do movimento literário pretendido, é essencial seguir as diretrizes delineadas no capítulo 1.4 deste projeto.

O realismo mágico é uma abordagem literária que integra elementos sobrenaturais ao mundo real de forma natural e casual. Nessa narrativa, a fusão entre o real e o fantástico ocorre sem que personagens ou narradores considerem isso extraordinário. Essa técnica é caracterizada pela ambiguidade e dualidade, deixando espaço para interpretações múltiplas e simbolismo. Além disso, o realismo mágico enriquece a trama com elementos culturais e mitológicos locais, enquanto os elementos mágicos frequentemente funcionam como metáforas para questões mais amplas, como sociais, políticas ou filosóficas.

Seguir esses passos em uma narrativa de ficção brasileira não apresenta uma dificuldade significativa. Isso se deve à rica variedade de crenças, religiões e tradições que permeiam a cultura brasileira. Essa diversidade religiosa e espiritual cria um ambiente propício para a exploração de elementos sobrenaturais e do fantástico nas narrativas, tornando esses elementos algo culturalmente comum e naturalizado na vida de muitos brasileiros.

O Brasil é um país marcado pela pluralidade religiosa, abrigando diversas crenças, como o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo, o candomblé, a umbanda, entre outras. Cada uma dessas tradições tem sua própria compreensão do mundo espiritual, dos deuses, dos espíritos e dos fenômenos sobrenaturais. Essa convivência de diferentes sistemas de crenças cria um caldeirão de influências que enriquece as possibilidades narrativas.

Na literatura brasileira, nomes como Guimarães Rosa, com suas histórias míticas do sertão, e Jorge Amado, que explorou a religiosidade popular em suas obras, demonstram como o Brasil é um solo fértil para a criação de narrativas que mesclam o real e o fantástico.

Na construção desta narrativa, levei em consideração as influências culturais e subjetivas presentes na sociedade brasileira, assim como o contexto histórico, particularmente o período pré-eleitoral que antecedeu a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil. Fui igualmente atento à forma como incorporar elementos fantásticos no discurso proposto pelo roteiro. Assim como as obras caracterizadas pelo realismo mágico, minha narrativa se insurgiu contra formas de opressão, valendo-se do uso do fantástico como instrumento alegórico e metáfora.

Reconheço a capacidade da ficção em transmitir mensagens profundas e em provocar reflexões sobre a sociedade. Por meio da imersão no universo do realismo mágico, almejo estimular a imaginação do leitor e, simultaneamente, abordar questões pertinentes à realidade.

## 2.2 Argumento

### O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA

A história se passa em 2018, em Cuiabá, às vésperas da eleição que elegeu Jair Bolsonaro. A trama gira em torno da estátua do presidente ditador Médici que existe na BR-163.

A narrativa acompanha Ana, uma universitária na faixa dos 20 anos, estudante de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Mato Grosso.

Ana está na sala de aula, conversando com sua amiga Nanda, que é indígena e também tem cerca de 20 anos. Elas discutem algo trivial, enquanto a porta da sala permanece aberta. De repente, os olhos de Ana se fixam na porta. Algo atrai sua atenção: sua professora está no corredor, acompanhada por um homem branco, aparentando ter cerca de 60 anos, vestindo um uniforme militar de alta patente. A figura permanece imóvel e não interage com a professora. Após alguns segundos, a mulher se afasta do homem de forma fria e entra na sala de aula, enquanto ele se move e desaparece do campo de visão de Ana.

Essa situação intriga Ana, que questiona Nanda se aquele homem é o marido da professora, já que não sabia que ela era casada. Nanda responde que não o viu, pois estava desenhando, e, até onde ela sabe, a professora é solteira.

A aula prossegue, e a professora chama a atenção da turma com uma postura autoritária e preconceituosa, proferindo comentários problemáticos. No entanto, para surpresa de Ana, a turma parece acostumada com tais absurdos e não demonstra grande incomodação.

Após o término da aula, Ana conversa com Nanda sobre como as coisas estão estranhas em casa, devido à radicalização política de seu pai em apoio ao candidato Jair Bolsonaro, e como isso está gerando conflitos entre eles, tornando cada vez mais difícil reconhecer o pai que ela costumava conhecer. Ana pergunta a Nanda se ela que passar o final de semana na casa dela, Nanda diz não poder, pois vai voltar para casa (reserva) no final de semana.

Posteriormente, no ponto de ônibus, Ana aguarda o transporte público. Quando seu ônibus chega, ela tenta usar seu cartão de passagem, mas ele não funciona. O motorista, de forma simpática, diz que não há problema desde que ela permaneça na área antes da catraca e que poderá descer pela frente quando chegar ao seu destino. Ana se acomoda em um banco e observa seu celular, onde encontra debates políticos em seu feed do Twitter.

O ônibus para novamente, e um jovem negro, de idade semelhante à de Ana, tenta entrar, mas seu cartão de passagem também não funciona. O motorista, de maneira fria, pede para que o rapaz desça, cortando sua tentativa de explicação e o obrigando a sair do ônibus. Ana observa a situação em silêncio, sentindo-se incomodada. Enquanto o ônibus parte, ela olha para trás e vê o rapaz sendo deixado, percebe também, em meio ao movimento, o homem idoso de roupa militar que havia visto pela manhã. Ele está sentado no fundo do ônibus, encarando-a de forma desconfortante. Sem saber como reagir, ela se vira para frente e volta a concentrar-se em seu celular.

Ana chega em casa. Seus pais estão na sala, ela os cumprimenta, mas eles não respondem; seus olhos estão fixos na televisão. Ela fala mais uma vez, e o pai irritado pede para que ela fique quieta. Ela se aproxima da televisão, o jornal anuncia o atentado contra a vida do candidato à presidência, Jair Bolsonaro. Ela pergunta o que aconteceu, e sua mãe resume o atentado com fôca. Seu pai, irritado, pergunta se ela está feliz com o acontecimento. Sem entender, ela pergunta por que aquilo seria motivo de felicidade. Os dois começam a discutir. Seu pai diz que tal acontecimento foi causado pela esquerda, à qual as universidades federais fazem parte, devido a uma certa doutrinação. Os dois discutem, mas são interrompidos pela mãe, que encerra rigidamente a discussão. Seu pai deixa a sala zangado. Ao passar pela porta, Ana vê mais uma vez a figura do militar. Ela grita de maneira brutal, no susto tropeça na mesa de centro e cai no chão. O barulho é tão alto que sua mãe corre em sua direção e pergunta qual é o problema. Seu pai, preocupado, volta rapidamente à sala e caminha em direção à filha. Os dois não veem a figura que, em passos leves, deixa o local.

Ana agora está sentada no sofá com um copo d'água na mão. Seu pai está insistindo em levá-la ao médico, mas Ana insiste em não ir. Ele deixa a sala, e sua mãe, sentada ao seu lado, gentilmente põe a mão sobre sua perna e diz que isso não é normal, insistindo para que ela vá com ela ao culto. Inicialmente, Ana se recusa, mas sua mãe conta que uma moça na igreja passou por algo parecido e foi liberta pelo culto. Ana topa ir, mas está incerta.

Ana está em frente a uma parede, onde existe um painel. Na imagem, existe Jesus e seus discípulos. A parede parece estar pintada há muito tempo, pois apresenta sinais de degradação, e a imagem de Cristo está praticamente imperceptível, como se estivesse a desaparecer da imagem. Ao ser tocada no ombro por sua mãe, a atenção de Ana se volta para o interior do lugar. É uma típica igreja neopentecostal. Existem senhoras usando coques e roupas longas, e alguns homens usam terno

Ana se senta no banco com sua mãe, e o pastor logo começa o culto, proferindo diversas palavras de ódio e utilizando situações políticas como parte de seu sermão, inclusive proferindo algumas fake news e palavras de terror. Ana observa tudo aquilo com desconforto, as palavras do pastor vão ficando mais altas, os gritos dos congregantes também. Em certo momento, Ana percebe a figura que a assombra sentada atrás do púlpito em um banco. Isso a atinge, sua respiração fica acelerada, seu rosto começa a escorrer suor e suas mãos ficam trêmulas. A figura a encara sem hesitar, sem piscar, e Ana não consegue desviar os olhos. Ela é tirada do transe de maneira brusca por uma forte mão que empurra sua cabeça, e quando se dá por si, percebe que está sendo exorcizada por alguns congregantes. Eles a empurram, gritam, mas nada parece afetar a figura que se coloca em pé ao lado do pastor, que a observa.

Ana está em casa sozinha em seu quarto, com medo de deixar a porta fechada. Observa atentamente a janela, com medo de que a figura possa surgir.

Ana está agora no restaurante universitário com Nanda e, enquanto esta está falando, Ana não parece estar escutando. Nanda estala os dedos e retoma a atenção da amiga; agora ela percebe que a amiga está apontando para o celular, onde há um pôster de uma manifestação ligada à regularização de terras indígenas que acontecerá em frente à prefeitura de Cuiabá. Ana pede desculpas por não estar prestando atenção, Nanda explica novamente e pergunta se Ana pode ir com ela, e de maneira distraída, Ana aceita. Nanda percebe algo estranho com a amiga e pergunta o que está acontecendo. Ana hesita, mas logo conta à amiga o que está ocorrendo. Nanda parece não se surpreender com a situação e menciona que na reserva de onde ela vem, é comum a existência de fenômenos como esse. "Eles chamam de 'angã'", diz

ela, explicando que é uma figura do passado que se recusa a ir embora. Ana responde que não conhece essa pessoa e que não teria motivo para ser assombrada.

Nanda, para ajudar a amiga, decide fazer um "retrato falado" da aparição e desenha em seu caderno seguindo as descrições de Ana. Ao terminar, Nanda comenta que nunca viu ninguém parecido com o desenho e que parece ser apenas um velho qualquer. Um colega que passa pelas duas pergunta a Nanda por que ela desenhou a "estátua do dedo-duro", sem entender as duas perguntam do que ele está falando.

Ana e Nanda estão em uma avenida movimentada, com carros e ônibus passando a toda hora. No centro da avenida, há uma estátua em uma posição de poder e liderança. As duas se aproximam da estátua, e Ana afirma que essa é a pessoa das suas visões, enquanto Nanda lê o nome na placa e busca no Google. Elas descobrem que a estátua é uma homenagem ao ex-presidente ditador Emílio Garrastazu Médici. Ana pergunta à amiga por que um ditador responsável pela morte de 600 pessoas tem uma estátua ali. Nanda não sabe responder, e Ana encara a estátua fixamente.

Ana está numa sala de aula; os alunos estão se levantando para ir embora. Em seu celular, chega um áudio, e ela escuta baixo próximo ao ouvido. Nanda pergunta por que ela não foi à aula e se está tudo bem. Em um segundo áudio, ela pergunta se ela vai realmente à manifestação e se podem marcar um ponto de encontro. Ana responde que vai se atrasar e que encontra ela lá.

Ana se aproxima da mesa do professor; o mesmo está guardando suas coisas para ir embora. Ela pergunta se é possível ajudá-la com uma questão. Ele diz não conhecê-la e pergunta de qual curso ela faz parte. Ela responde, ele diz não ter muito tempo e que, se for rápido, não terá problema. Ana diz ter procurado por ele por um projeto pessoal, que está escrevendo sobre a ditadura militar. Logo em seguida, pergunta sobre a estátua e o motivo de, em uma democracia, existir uma homenagem ao ditador. O professor responde: "O fascismo não é o tipo de doença que se cura, apenas se trata." Ele comenta que o Brasil é incapaz de tratar, cita o exemplo da Espanha onde os cidadãos exigiram que as estátuas de Franco fossem retiradas e como a Alemanha reprime toda e qualquer menção ao nazismo, e como a Argentina penalizou rigorosamente seus ditadores, mas que o Brasil, ao contrário, banaliza seus anos de chumbo e que, por causa disso, os resquícios desse tempo continuam voltando. Ele cita Bolsonaro e diz que esse tipo de pensamento se recusa a ir. Ela sussurra quase que para si mesma "Como um fantasma" e ele responde "Isso, como um fantasma." Ela agradece o professor e deixa a sala.

Um ônibus para em um ponto, Ana desce, a rua ecoa vozes; é possível escutar os sons de um manifesto à distância. Ana digita uma mensagem para Nanda, dizendo que está próxima e querendo saber onde ela está. Ela continua a caminhar em direção à manifestação. De repente, cinco carros da ROTAM passam por ela; os policiais, com vidros abertos, seguem o caminho focados. O terceiro carro que passa por Ana é diferente, pois não possui apenas policiais. Sentado no banco do carona está a figura de Médici, que a encara friamente e despreziosamente dá um pequeno sorriso de canto de boca. Os carros passam e rapidamente se distanciam. Ana começa a correr em direção à manifestação ao mesmo tempo que tenta desesperadamente ligar para a amiga, que não atende o telefone.

Em um corredor de um hospital público, vemos diversas pessoas machucadas, com uma grande movimentação, pessoas entrando e saindo. Ana e um homem indígena na faixa dos 50 anos esperam em um banco. O homem também está machucado, com um grande

arranhão na cabeça e os dedos da mão esquerda feridos. Um médico, atordoado pela confusão, grita o sobrenome Ñe'êngatu, tentando pronunciá-lo várias vezes e errando todas elas. O homem e Ana se levantam e vão em direção ao médico, que, sem paciência, os atende e diz que o tiro de borracha que Nanda levou causou uma fratura em seu ombro e que era preciso operar. Ele também menciona que a pancada que levou na cabeça poderia ser fatal, mas por pouco não foi.

Ana visita a amiga no quarto; ela está bastante machucada, mas não parece ter seu espírito afetado. Ela faz piadas da situação. Ana conta ter visto o fantasma momentos antes e que ela tinha que fazer algo. A amiga recomenda que ela não tome nenhuma atitude impulsiva. Ana pergunta como na reserva eles lidam com Angã, o pai dela entra na sala e responde, em bom humor, que eles acendem uma fogueira para manter o espírito afastado. Ele pergunta o motivo da filha estar contando histórias de terror à amiga. Ana rapidamente, não deixando a amiga falar, diz que é uma piada interna.

Em sua casa, Ana entra focadamente. Ela passa por sua mãe, que está passando uma blusa do Brasil. A mãe para de passar e vai atrás de Ana. Ela pergunta por Nanda, e a filha diz que ela está bem, mas vai precisar de recuperação. A mãe começa a reclamar dela ter ido à manifestação, achando perigoso, e que já bastava seu marido se envolvendo nesse tipo de coisa. Ana pergunta desde quando o pai dela vai em manifestações. "Desde que começou a se envolver com essas coisas aí", responde a mãe. Ana olha para a blusa do Brasil esticada sobre a tábua de passar próxima à TV, que exibe a reportagem sobre a violência policial ocorrida na manifestação em que ela estava.

Cortando o assunto, ela pergunta se ainda há álcool em casa e diz que possui uma sujeira que precisa limpar. A mãe diz que sim, mas que poderia lavar ela mesma se a filha esperasse até o dia seguinte. Ana insiste em lavar sozinha e pergunta mais uma vez onde o líquido se encontra. A mãe responde: "Embaixo do tanque da copa".

É madrugada. Ana caminha lentamente, sem a intenção de fazer barulho. Observa se seus pais estão dormindo, pega a chave do carro de seu pai sobre a mesa, vai à copa e retira dois galões de água sanitária do armário.

Ana dirige até uma rua deserta, para o carro e desce. Suas mãos estão tremendo, sua respiração está pesada. Ela senta no banco do carona e respira por alguns segundos.

Ela pega as garrafas de álcool na parte de trás do carro, coloca o capuz do casaco que está vestindo. Vemos agora onde ela está indo, sem jeito e desesperadamente. Ana para próxima à estátua, a avenida está deserta, ela começa a abrir as garrafas, sem jeito acaba derramando um pouco em sua roupa. Ela começa a despejar o líquido sobre a estátua. Em certo momento para, pois um carro passa em alta velocidade pela avenida. Vendo que o carro não parou, ela volta a despejar o líquido. Com as mãos tremendo e desesperadamente, ela acende o isqueiro, e as labaredas tomam a estátua. Ana admira por uns segundos o espetáculo, mas logo percebe que há fogo também em suas roupas. Desesperadamente ela tenta apagá-lo e depois de muito se debater consegue. Ela está respirando rápido, muito assustada, se vira para deixar o lugar correndo, mas se depara com a assombração. A figura avança para cima dela, mas não consegue tocá-la. A criatura grita, com um som que mais lembra um animal. Ele encara Ana com raiva nos olhos, após alguns segundos, um sorriso aparece em seu rosto. Luzes de uma viatura iluminam a rua. Ana foge da cena do crime, é perseguida pela viatura por uma rua, entra em uma esquina e consegue se esconder atrás de uma casa. Fica ali quase até amanhecer, sai e vai em direção ao carro do pai e vai embora.



Ana está em casa, deitada na sua cama. Acorda com o forte barulho de batidas. Ela levanta e vai até a sala, onde os sons de batidas vêm da porta. Ela teme abrir, fica olhando para a porta esperando que a arrebentem a qualquer momento. Para sua surpresa, a voz que vem de trás da porta é de sua mãe, que pede para abrir. Ela entra, falando coisas às quais ela não presta atenção. Sem responder a mãe, ela se senta no sofá. Seu telefone toca, ela atende, é Nanda, que manda ela ligar a TV. Ana obedece. No jornal, a matéria sobre o vandalismo da estátua tomou grande repercussão, algumas pessoas apoiam a ação, outras condenam. Ana parece feliz com o que vê, mas ao acabar a reportagem, o jornal se encaminha para uma cobertura ao vivo de uma passeata pró Jair Bolsonaro. As pessoas vestindo camisetas do Brasil lotam praças, a repórter está entrevistando o pai de Ana, que diz palavras de apoio ao seu candidato. Sua mãe, ao escutar a voz do marido, corre até a sala e começa a comemorar a aparição na TV. Ana não está prestando atenção em sua mãe, muito menos em seu pai, e sim em uma figura no meio da multidão atrás da repórter, o seu fantasma, que fixamente olha para a câmera como se estivesse olhando para Ana, assustada e sem palavras. Ana sussurra, quase que para si: "Não é o tipo de doença que se cura."

## 2.4 Escaleta

### O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA

CENA 1 /INT/ SALA DE AULA

Ana fica intrigada com a presença de um militar na sala de aula e percebe comentários preconceituosos da professora durante a aula, mas a turma não se importa.

CENA 2 /INT/ CORREDOR DA FACULDADE

Ana e Nanda falam sobre os conflitos políticos em casa. Ana convida Nanda para o fim de semana, mas ela não pode.

CENA 3 /INT/ ÔNIBUS

No ponto de ônibus, Ana e um rapaz negro têm problemas com o cartão de passagem, sendo o rapaz expulso do ônibus, enquanto um homem idoso de uniforme militar os observa com hostilidade.

CENA 4 /INT/ CASA

Em casa, Ana tem uma discussão com seu pai sobre o atentado a Bolsonaro. A figura militar está presente e a assusta. Sua mãe pede para que ela a acompanhe a igreja.

CENA 5 /INT/ IGREJA

Ana é exorcizada em uma igreja neopentecostal durante um culto. A Assombração está presente na igreja.

CENA 6 /INT/ QUARTO

Ana está em casa sozinha em seu quarto, com medo de deixar a porta fechada. Observa atentamente a janela, com medo de que a figura possa surgir.

CENA 7 /INT/ RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

Nanda convida Ana para uma manifestação em Cuiabá, compartilha suas visões, e um colega confunde o retrato com a estátua do "dedo duro".

CENA 8 /EXT / Avenida

Ana e Nanda vão até a estátua , descobrem que a figura misteriosa é Médici.

CENA 9 /INT / SALA DE AULA

Ana discute com o professor sobre o passado fascista do Brasil, que ele compara a uma doença persistente, concordando com Ana sobre a persistência desse "fantasma".

CENA 10 /EXT / RUA

Ana encontra carros policiais, um deles com a figura de Médici, a encara, e ela tenta ligar para a amiga, sem sucesso, antes de se juntar à manifestação.

CENA 11 /INT / HOSPITAL

Ana e o pai de Nanda esperam no hospital, onde o médico explica que Nanda teve uma fratura no ombro por um tiro de borracha e uma pancada na cabeça quase fatal.

CENA 12 /INT / QUARTO MÉDICO

No hospital, Nanda, apesar dos ferimentos, mantém um espírito positivo, enquanto Ana compartilha sua experiência com o "fantasma" e sua vontade de agir, mas a conversa termina com uma piada interna entre amigos.

CENA 13 /INT / SALA DA CASA DE ANA

Ana conta à mãe sobre Nanda pós-manifestação, suscitando preocupações sobre o ativismo de Ana e seu pai, mas a conversa muda quando Ana pede por álcool para limpar sua estante.

CENA 14/ INT/ QUARTO DOS PAIS DE ANA

Ana abre a porta lentamente, observa seus pais dormindo e fecha a porta.

CENA 15/ INT/ SALA DE ESTAR

Ana caminha lentamente, sem a intenção de fazer barulho, pega a chave do carro de seu pai sobre a mesa.

CENA 16/INT/ COPA

Ana vai à copa e retira garrafas de álcool e acendedores do armário.

CENA 17 /EXT/ RUA DESERTA

Ana dirige até uma rua deserta, desce do carro com mãos trêmulas e respiração pesada. Ela se senta no banco do carona, coloca um capuz no casaco e pega as garrafas de álcool no carro.

Cena 18/ EXT/ AVENIDA

Ana tenta incendiar a estátua, mas é interrompida por um carro e acaba incendiando suas próprias roupas. Ela vê a assombração, foge da polícia e parte de carro ao amanhecer.

Cena 19/ INT/ QUARTO DE ANA

Ana está em casa, deitada na sua cama. Acorda com o forte barulho de batidas. Ela levanta e vai até a sala.

Cena 20/INT/SALA CASA DE ANA

Ana é surpreendida pela mãe, atende o telefone de Nanda e assiste a uma reportagem sobre vandalismo na estátua. Reflete sobre a dificuldade de curar sua "doença".

### Capítulo 3- Conclusão

Na finalização deste projeto de conclusão de curso, encontrei inspiração em uma observação intrigante feita pelo perfil @andydiarcronico no Twitter: "Realismo Mágico é um negócio tão latino americano porque ver umas paradas bem zoadas e fazer de conta que não foi nada é literalmente nosso dia a dia." Esta constatação ecoou em minha mente, pois, de fato, a essência do Realismo Mágico reflete a nossa capacidade de testemunhar o extraordinário no cotidiano e, muitas vezes, simplesmente aceitá-lo como parte de nossa realidade.

Este projeto se propôs a explorar essa conexão entre o Realismo Mágico e a vida na América Latina, trazendo-a para o universo cinematográfico por meio da criação de um média metragem intitulado "O tipo de doença que não se cura." O desafio de escrever um roteiro de média metragem foi ousado, considerando a natureza controversa de sua distribuição. No entanto, a crescente disponibilidade de novas plataformas de streaming, como exemplificado pelo recente lançamento de Wes Anderson, "The Wonderful Story of Henry Sugar," oferece oportunidades empolgantes para a exploração de diversos formatos cinematográficos.

A experiência de criar este roteiro foi profundamente catártica, especialmente à luz dos últimos quatro anos no Brasil. Nesse período, testemunhamos desafios significativos à nossa democracia, incluindo o atentado de 8 de janeiro, algo que não era visto desde a promulgação da nova constituição. O Realismo Mágico emergiu como a maneira perfeita de explorar os absurdos desses anos turbulentos, bem como nossa tendência a naturalizá-los. Assim, através da lente do fantástico, busquei dar voz às inúmeras incoerências e contradições que permearam nossa sociedade.

Antes de concluir, quero expressar minha esperança de que este filme, um dia, possa ser mais do que palavras em um papel. Desejo ardentemente que ele possa alcançar as telas e falar com as pessoas da mesma maneira que falou comigo durante sua criação. Neste projeto, encontrei um veículo para expressar minhas reflexões e inquietações sobre o mundo que nos cerca, e espero que, no futuro, ele possa continuar a inspirar reflexões e discussões em um público mais amplo.

Gostaria de aproveitar este momento para expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Gabriel Correia, cuja orientação e insight foram fundamentais para a construção e maturação das ideias deste trabalho. Seu apoio foi inestimável ao longo desta jornada.

Em última análise, este projeto reflete minha convicção de que o cinema tem o poder singular de explorar nosso tempo e ser um espelho que nos permite enxergar aquilo que muitas vezes negligenciamos em nosso cotidiano. No espírito do Realismo Mágico, ele nos convida a questionar, a maravilhar-se com o extraordinário no mundo comum e a refletir sobre a magia que permeia nossa própria realidade.

Agradeço a todos os que contribuíram para este trabalho e espero que ele inspire reflexões e discussões sobre o papel do cinema na interpretação de nossa realidade.

## Bibliografia

ALLENDE, Isabel. A casa dos espíritos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BARBA, Angela Muñoz. Estudio Comparativo de "Cien Años de Soledad" y "La Casa de los Espíritus". 2022. Disponível em: <https://ntnuopen.ntnu.no/ntnu-xmlui/bitstream/handle/11250/3003271/no.ntnu:inspera:106095859:32536206.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09/08/2023.

CARPENTIER, Alejo. O reino deste mundo. Tradução de Marcelo Tápia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHIAMPI, Irlemar. O realismo maravilhoso: forma e ideologia do romance hispano-americano. Sao Paulo: Perspectiva, 2015

COMPARATO, Doc. Da Criação ao Roteiro. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FIELD, Syd. Screenplay: The Foundations of Screenwriting. 1979.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace and Peace Research. 1969.

KAFKA, Franz. A Metamorfose. São Paulo: Nova Época Editorial; 1981.

MABILLE, Pierre. Le Miroir du Merveilleux. Paris, Minuit. 1962.

MAIA, Gretha Leite. Alumbrar-se: Realismo Mágico e Resistência às Ditaduras na América Latina. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5812919.pdf>. Acesso em: 13/09/2023.

MCKEE, Robert. Story: Substance, Structure, Style, and the Principles of Screenwriting. 1997.

OLIVEIRA, Raphael. Otimismo em Tempos de Repressão: A Apropriação da Propaganda pela Publicidade no Governo Médici (1969 - 1974). 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4292>. Acesso em: 10/10/2023.

PIETRI, Arturo Uslar. Realismo mágico. 1994.

ROH, Franz. Nach-expressionismus (Magischer Realismus): Probleme der neuesten europäischen Malerei, Leipzig: Klinkhardt & Biermann, 1925.

SANTOS, Bruna Carla dos; BORGES, Erinaldo. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/16946/14322/>. Acesso em: 13/09/2023.

SERRA, Paulo Roberto Nóbrega. Dissertação: O Realismo Mágico na Literatura Portuguesa: "O Dia dos Prodígios," de Lídia Jorge e "O Meu Mundo Não É Deste Reino," de João de Melo. 2005. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1775/1/TeseMestrado.pdf>. Acesso em: 06/08/2023.

SILVA, Bruna Ferreira da. A identidade latino-americana em "Cem Anos de Solidão" (1967), de Gabriel García Márquez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/111490>. Acesso em: 18/07/2023.

SIMÃO, Luciano Galvão. Aspectos do Realismo Mágico Brasileiro nas obras de Murilo Rubião e José J. Veiga. 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/130625/2/432477.pdf>. Acesso em: 09/08/2023.

ZAMORA, Parkinson; FARIS, Wendy B. (eds.). *Magical Realism: Theory, History, Community*. Duke University Press, 1995.

MÁRQUEZ, G. G. *Cem anos de solidão*. Tradução Eric Nepomuceno – 80ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2012

APÊNDICE- ROTEIRO

O TIPO DE DOENÇA QUE NÃO SE CURA

Por

Rodrigo P.S. Fonseca

1º Tratamento

Um trabalho de Conclusão do Curso de Cinema e Audiovisual  
da UFMT



INT. SALA DE AULA. DIA

Em uma sala de aula de uma universidade, os alunos estão dispersos. Uns conversam, outros mexem em seus celulares. Dentre esses, estão duas jovens, Ana (na faixa dos 20, branca) e Nanda (faixa dos 20, indígena). Nanda desenha em seu caderno, enquanto escuta sua amiga falar.

NANDA

E ela disse o quê?

ANA

Assim, dizer ela não disse nada.

Nanda tira os olhos do caderno e encara a amiga.

NANDA

Então como você sabe que ela tá puta?

ANA

Ela curtiu com um joinha.

Ana faz um joinha para Nanda. Nanda ri.

ANA

Não ri não, cara. Eu fiquei mal.

Nanda continua a rir.

ANA

Dá na minha cara, mas não me deixa no vácuo.

NANDA

Ela te bloqueou?

ANA

Pior que não, mas não visualizou...

Jorge (na faixa dos 20, negro) interrompe e senta na cadeira próximo a elas.

JORGE

Conseguiram subir?

NANDA

Dormiu comigo? Dá bom dia mais não?

JORGE

Um péssimo dia é o que eu te desejo.

As duas riem, Nanda dá o dedo do meio para Jorge.

ANA

Não consegui subir, o portal caiu para mim também.

NANDA

Ainda bem que eu não sou vocês.

ANA

Você conseguiu?

NANDA

Lá pelas 20:00 tava funcionando.

JORGE

Caralho... não acredito. Cê sabe que ela vai fuder com a gente, né?

NANDA

Nada que ela não faça toda semana.

JORGE

Cada ela? Mussolini não costuma atrasar.

ANA

Não fala essas coisas alto não.

Jorge e Nanda riem.

JORGE

O que é isso aí?

Jorge aproxima o rosto do caderno de Nanda. Os dois começam a falar sobre o desenho. Ana se distrai, e seus olhos se voltam para a porta da sala, onde Lúcia, uma mulher de cerca de 60 anos de idade e de pele branca, está parada no corredor. Atrás dela está um homem de cerca de 60 anos de idade, também branco, vestindo uniforme militar. Os dois não interagem. A professora, de maneira quase automática, se afasta do homem e entra na sala. O homem olha para dentro da sala e encontra o olhar de Ana, que rapidamente desvia o olhar para outro lado. Quando ela volta a olhar para o corredor, o homem já não está mais lá.

LUCIA

Bom dia.

A turma em coro responde. Ana se vira para os amigos.

ANA  
Aquele era o marido dela?

NANDA  
Quem?

JORGE  
Essa coisa é casada?

ANA  
No corredor.  
(Os três estão sussurrando)

LUCIA  
Vou abrir o portal e acessar seus  
trabalhos para corrigirmos em sala.

A voz da professora faz com que os três amigos se voltem para a frente. Uma aluna no fundo da sala faz uma pergunta.

ALUNA Nº1  
Professora, eu não me sinto  
confortável com esse tipo de correção.

LUCIA  
A porta da sala não está trancada,  
Helena, você e qualquer outro que não  
se sentir confortável com a minha  
metodologia estão livres para sair.  
Todos os trabalhos enviados serão  
corrigidos em conjunto.

Um pequeno burburinho se instala na sala, mas logo desaparece.

LUCIA  
Seguindo a ordem de chamada, Ana não  
estou te achando no portal.

ANA  
O portal não estava funcionando.

LUCIA  
Então como os outros enviaram?

ANA  
Eu digo, quando... quando eu fui  
enviar, não estava.

Nanda interrompe.

NANDA

O portal ficou fora de ar a noite inteira ontem. Muita gente não conseguiu enviar.

Um outro burburinho se instala, a turma concorda com Nanda.

LUCIA

Como os senhores bem sabem, eu sou formada em engenharia, não em TI. Não tenho responsabilidade nenhuma quanto ao portal, e essa atividade foi passada há uma semana. Sendo assim, a correção se mantém.

O burburinho da sala volta a ecoar, a professora ignora e começa a corrigir os trabalhos.

LUCIA

Andreia, seguindo a ordem, vamos começar com o seu. Aqui na capa já vemos um problema em relação à formatação.

INT.CORREDOR DA UNIVERSIDADE. DIA

No corredor da universidade, os alunos deixam as salas. Ana e Nanda saem.

NANDA

Por que ele não vai comer com a gente?

ANA

Acho que ele vai para casa da Amanda hoje.

NANDA

Tá ficando sério?

ANA

Pelo jeito.

NANDA

Esse povo é muito emocionado.

ANA

Vem cá, se vai lá para casa esse final de semana?

NANDA

Não vou amiga, tô indo para reserva

hoje. Esqueceu?

ANA  
Ué, não ia sexta?

NANDA  
Pois é, mas a rodoviária só tinha para hoje.

ANA  
Cê volta quando?

NANDA  
Terça.

ANA  
Manda um abraço para o seu pai.

NANDA  
Toda vez ele pergunta se você vai.

ANA  
Final do ano eu vou sem falta.

NANDA  
Entrando nesse assunto, e o tio Marcio?

ANA  
Ah, eu tô desistindo de argumentar. Tu acredita que outro dia ele discutiu comigo por causa de uma fake?

NANDA  
Como assim?

ANA  
Ele veio com um papo que se o Hadadd ganhasse o Pablo Vittar ia ser ministro da cultura.

Nanda gargalha.

ANA  
Juro para você.

NANDA  
Já imaginou o quão divertido seria esse mundo?

ANA  
É sério, os absurdos estão ficando maiores.

NANDA  
Pessoal na reserva tá preocupado também , Os Gonçalves estão fazendo campanha para essa coisa.

ANA  
Aqueles da invasão?

Nanda balança a cabeça em afirmação.

ANA  
Vocês não tem com que se preocupar, sério, O cara é uma piada CQC.

NANDA  
É... Até porque o Brasil já tem seu candidato do coração, né?

Nanda levanta a mão , imitando uma saudação neopentecostal.

NANDA  
"GLORIA A DEUXSS!"  
(Imitando Cabo Daciolo)

ANA  
Nem brinca com uma coisa dessa.

NANDA  
Não podemos deixar a URSAL vencer irmã.

Ana ri. As duas começam a descer as escadas e deixam o corredor.

INT.ÔNIBUS.TARDE.

De dentro de um ônibus, vemos as portas se abrir. Ana e mais duas pessoas adentram o veículo.

ANA  
Boa tarde.

O motorista sorri e educadamente responde.

MOTORISTA  
Opa! Boa tarde querida.

As duas pessoas na frente de Ana usam seus cartões e passam na roleta sem problemas. Na vez de Ana o cartão não funciona.

ANA

Moço..

MOTORISTA

Não pegou?

Ana balança a cabeça em negação.

MOTORISTA

Esqueceu de carregar?

ANA

Pior que não, acabei de carregar.

MOTORISTA

Tem problema não querida, senta nesse banco aí da frente e me avisa quando tiver que descer.

ANA

Muito obrigada.

O motorista simpaticamente sorri para Ana, e começa a fechar a porta do ônibus, quando de repente uma mão bate no vidro. É um jovem negro, na faixa dos 20.

JOVEM:

Pera aê Motorista!

O motorista não parece feliz ao ver o rapaz e sem paciência abre a porta. O jovem entra.

JOVEM:

Muito obrigado.

O motorista não responde, segue olhando para frente e dá partida no ônibus. O jovem passa por Ana, eles trocam olhares, ele retira seu cartão da carteira, mas ele também não funciona.

JOVEM:

Fala motorista, o meu..

Antes que ele termine de falar o motorista para o ônibus.

MOTORISTA

Vai ter que descer.

JOVEM

Eu não vou muito longe, são só dois..

MOTORISTA

Não tem nada que eu possa fazer, se  
você desce pela frente a companhia  
fica no meu ouvido depois.

O motorista abre a porta. O jovem, sem jeito, guarda o cartão na carteira. Ele troca olhares com Ana mais uma vez, mas desta vez há constrangimento. Ele desce do ônibus, e Ana fica desconfortável ao vê-lo sendo deixado para trás enquanto o ônibus se afasta. Ana olha para o motorista, seus olhares se cruzam pelo reflexo do retrovisor. O homem fica sem jeito e desvia o olhar, assim como Ana, que olha para dentro do ônibus. O ônibus não está muito cheio; poucos bancos estão livres. No fundo do ônibus, sentado em um banco, está a mesma pessoa que ela viu horas antes: um homem de uniforme militar. Ele está encarando Ana, que, sem graça, desvia o olhar para o seu celular.

INT.SALA DE ESTAR.TARDE

Ana entra em casa, seus pais estão aflitos e em pé de frente para a TV.

ANA

Oi, gente.

Eles não respondem. Estão com os olhos fixos na TV.

ANA

Gente, o que foi?

PAI

Xiii, Ana!

MÃE

Pera aí, filha...

Ana se aproxima da televisão.

REPÓRTER

Adélio Bispo de Oliveira foi segurado pela multidão logo após a tentativa de assassinato. O candidato do PSL, passa agora por uma cirurgia no hospital Santa Casa da cidade.

ANA

Meu Deus... O que aconteceu?

MÃE

Um maluco com uma faca.



PAI

Maluco não, isso é armado, Lúcia. Eles não querem deixar ele ganhar.

ANA

Ih, começou...

PAI

É isso mesmo, é esse povo que você defende.

ANA

Pai... eu não vou entrar nessa, tá? Guarde suas maluquices para você.

MÃE

Ei, vocês dois... De novo isso?

PAI

Você fale com respeito comigo. Eu não sou esses maconheiros que você encontra na faculdade.

MÃE

Roberto, para!

ANA

Não entendo por que você está tão nervoso. Quem sabe agora parando de falar merda ele vença.

PAI

Essa aí! Essa aí é a esquerda paz e amor?

ANA

Um cara que fala "que o erro da ditadura foi torturar e não matar" não precisa de paz e amor.

PAI

E tá errado?

ANA

Pai, pelo amor de Deus...

MÃE

Todo dia isso agora aqui em casa?

PAI

Na ditadura eu não tinha medo de andar

nas ruas... não era essa pouca vergonha aí não.

ANA

Pai, eu não vou mais discutir isso com você, eu me recuso.

Pai olha para a mãe.

PAI

É esse tipo de ideologia que ela fica aprendendo na faculdade. É esse tipo de lixo marxista.

ANA

Quê? Marxista? Pai, você nem sabe o que é isso...

PAI

Em vez de estar aprendendo fica sendo doutrinada por esses professores...

ANA

É, pai... é isso mesmo! Hoje mesmo eu estudei "Comunismo 1" e "Terrorismo 2". É o tipo de coisa que aprendemos em engenharia.

PAI

Eu não vou aceitar esse tipo de...

A mãe grita.

MÃE

Parem vocês dois! Que inferno isso... sempre se deram tão bem. Que história é essa?!

ANA

Ele...

MÃE

Eu disse parou!

Breve silêncio. O pai irritado deixa a sala e vai em direção ao quarto, Ana o acompanha com os olhos, até que vê a figura, o militar parado bem no meio da sua sala, seu pai passa pelo homem sem percebê-lo, como se ele não estivesse lá. O susto de Ana é tão grande que ela cai no chão e grita. Sua mãe desesperada vai ao chão em sua direção, seu pai volta a sala correndo e vai até o chão acudir a filha.

MÃE

Ana! Ana! O que foi, minha filha?

PAI

O que você está sentindo? Fala, Ana!

Ana aponta para a figura, os seus pais não veem.

MÃE

Filha, o que você está sentindo?

A figura desaparece. Os pais chacoalham a filha.

MÃE

Ana! Roberto vai pegar o carro!

PAI

Calma! Ana, fala comigo.

CORTE PARA.

Ana está sentada no sofá, segurando um copo vazio e olhando para o nada, distraída. Seu pai aparece e pede o copo que está em sua mão.

PAI

Filha...

Ana olha para o pai e entrega o copo.

PAI

Certeza que não quer ir ao médico?

Ela balança a cabeça em afirmação.

ANA

Tá tudo bem.

Sem jeito, seu pai começa a deixar a sala.

ANA

Obrigado.

Sua mãe senta ao seu lado. E fica olhando para ela por alguns segundos.

ANA

Eu tô bem, mãe, foi só um susto.

MÃE

Filha... olha para mim.

Ana olha para a mãe.

MÃE

Por que você não vai comigo à igreja

amanhã?

ANA

Oh, mãe...

MÃE

Presta atenção...

ANA

Isso é estresse, é só isso.

MÃE

Escuta! Sabe a Marisa?

ANA

Da casa laranja?

MÃE

Essa mesma, ela andava vendo umas coisas também. Vez ou outra...

ANA

Que tipo de coisa?

MÃE

Parece que os cantos da casa riam.

Ana ri.

MÃE

Eu tô falando sério! Ela escutava risada por toda a casa.

ANA

A dona Marisa precisa de um psicólogo, mãe.

MÃE

Ela começou a ir no culto de quarta-feira e as risadas pararam.

ANA

Mãe, eu respeito a sua crença. Mas você sabe que eu não credito nessas coisas.

MÃE

Vamos comigo amanhã, se você não gostar, você vai embora.

ANA  
É só estresse, mãe.

MÃE  
Seja o que for, eles podem ajudar,  
minha filha.

Breve silêncio.

ANA  
Que horas é isso?

A mãe abre um grande sorriso.

MÃE  
Sete! Vai ser bom, eu prometo!

Ela dá um suave beijo no rosto da filha, ela responde com um sorriso sem graça.

INT.IGREJA.DIA

Ana está em frente a um enorme painel. Na foto, está Cristo e seus discípulos. No topo da imagem, está escrito "Sejamos um em Cristo", mas devido ao desgaste da imagem, que provavelmente está lá há bastante tempo, a imagem de Cristo está bastante desbotada e quase desaparece em comparação aos seus discípulos. Aquilo a intriga, ela se aproxima do painel.

MÃE:  
Filha!

Ana parece não escutar.

MÃE:  
Ana!

Ana olha para a mãe, que está parada no corredor e acena com a mão para que ela se aproxime. Sua mãe a leva pelo corredor, segurando carinhosamente em seu braço.

MÃE:  
Eu estou muito feliz que você veio.

Ela dá um pequeno beijo em Ana, que sem jeito retribui com um sorriso amarelo. Elas chegam no templo, é pequeno, deve caber 100 pessoas no máximo, possui diversas pessoas sentadas nos bancos. Ana e sua mãe começam a se encaminhar para sentar, passam por algumas pessoas que as cumprimentam, Ana sempre retribui com um sorriso enquanto sua mãe deseja que a "paz" esteja com as pessoas às quais cumprimentou.

Elas se sentam, uma senhora, na faixa dos 50 anos, sentada no banco da frente se vira.

SENHORA 1:  
E quem é essa menina linda?

A mãe de Ana ri.

MÃE:  
A minha filha Ana.

A mulher estende a mão a Ana, ela a aperta.

SENHORA 1:  
Meu Deus, que linda!

Ana responde sem graça.

ANA:  
Obrigada.

MÃE:  
Tá cursando engenharia.

SENHORA 1:  
Olha só que bênção! A fama de ser difícil condiz?

Ana dá um pequeno sorriso.

ANA:  
Sim, bastante na verdade.

SENHORA 1:  
Primeira vez aqui?

A mãe de Ana balança a cabeça alegremente em afirmação.

ANA:  
Sim.

SENHORA 1:  
Muito bem-vinda, olha aqui na terça-feira tem um culto de jovens, sabe, o pessoal assim da sua idade. Acho que você ia adorar.

MÃE:  
O pastor Anderson é muito bom com os jovens.

Ana apenas sorri, não quer afirmar que vai participar.

SENHORA 1:

Eu posso pegar seu número para passar  
para ele, sério, você vai adorar todos  
os jovens...

Antes que a mulher falar, um homem sobe ao púlpito. Todas as  
pessoas se viram para frente.

SENHORA 1:

Depois pego o número com você.

A mulher se vira para frente rapidamente. O homem, na faixa  
dos sessenta, possui um carismático sorriso em seu rosto.

PASTOR:

Boa noite a todos, é muito bom estar  
aqui na presença de vocês mais uma  
vez, para adorarmos aquele que é o  
único digno de louvor.

Um grande "Amém" vindo do público ecoa.

PASTOR:

Por favor, levantem-se para iniciarmos  
o louvor.

CORTE PARA.

As pessoas estão cantando, algumas de olhos fechados, outras  
com as mãos levantadas. Ana observa aquelas pessoas, com  
certo fascínio, não existe julgamento em seu olhar.

A música se encerra, as pessoas se sentam. O pastor volta ao  
púlpito.

PASTOR:

Amém... Amém. É muito bom estar na  
casa de Deus.

As pessoas concordam.

PASTOR:

Estar em comunhão com nossos irmãos,  
principalmente nesses dias que virão.  
Dias que decidirão o futuro da nossa  
nação.

As pessoas concordam em coro.

PASTOR:

Porque como vocês bem sabem, o mundo, o mundo tem essa sede de nos calar. De apagar a nossa voz.

As pessoas concordam em coro.

PASTOR:

Sabe, irmãos, em Deuteronômio 31:6 o profeta vai dizer...

O pastor folheia a bíblia e olha para um versículo.

PASTOR:

"Sejam fortes e corajosos. Não tenham medo nem fiquem apavorados por causa deles, pois o Senhor, o seu Deus, vai com vocês; nunca os deixará, nunca os abandonará".

A igreja vibra.

PASTOR:

Não vamos temê-los, não iremos. Eles podem vir com suas doutrinações esquerdistas, aliciar as nossas crianças com suas ideologias. Mas não deixaremos. Não deixaremos!

A igreja vibra.

PASTOR:

Repitam comigo, igreja!

A igreja em coro repete "Não deixaremos". Ana observa tudo aquilo assustada.

PASTOR:

Sempre começa pequeno, sempre começa. Irmãos, "Quem tem ouvidos ouça!", Ouça a voz daquele que profere. Professores doutrinando nossos filhos para o comunismo, as escolas incentivando a perversão às nossas crianças. Vocês todos viram, todos viram o tipo de material que eles querem implementar nas escolas. Não deixaremos!

A igreja em coro repete "Não deixaremos".



PASTOR:

E Deus, assim como enviou Davi, o mesmo Deus que enviou Moisés. Nos envia um líder para nos guiar nesse esgoto que é Brasília. Aquele que até o nome significa "O prometido".

O pastor bate uma palma no ar, se distancia do microfone e profere palavras ininteligíveis. Ele volta ao microfone. A igreja vibra.

PASTOR:

E agora, assim como fizeram com o João Batista, eles tentaram mata-lo. Mas as promessas de Deus o homem não pode tocar.

Ana se assusta com o quanto os gritos ficam mais altos e mais fanáticos.

PASTOR:

Não pode tocar! Não deixaremos, igreja! Não deixaremos!

A igreja vibra, algumas pessoas proferem línguas estranhas.

PASTOR:

Nós somos a voz de Deus, nós somos a maioria. E eles podem gritar, eles podem mentir. Mas a nossa voz prevalecerá porque "E àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui, e matei-os diante de mim."

A igreja grita, o som é estrondoso. Os olhos de Ana estão arregalados.

PASTOR:

Eles não têm escolha a não ser se curvar àquele que é digno!

A mãe de Ana dá um grito de glorificação e levanta a sua mão para o ar, Ana olha para ela, assustada em ver que ela se sucumbi a tal absurdo. O som dos gritos está muito alto, os olhos de Ana se voltam para o púlpito, mas dessa vez não somente o pastor está lá, a figura, o militar, está de pé olhando com satisfação toda aquela euforia.

CORTE PARA.

Em um close-up vemos os olhos de Ana arregalados.

CORTE PARA.

Close-up nos olhos do militar, que encara Ana sem piscar.

CORTE PARA.

Voltamos ao close-up de Ana, mas agora algo está diferente, sua cabeça se mexe como se estivesse sendo empurrada. Em um plano aberto vemos que Ana está sendo segurada nos seus braços por dois diáconos, ao seu redor diversas mulheres, inclusive sua mãe, estão gritando histericamente, o pastor empurra a sua cabeça proferindo palavras para exorcizá-la. Ana cai em si sobre a sua situação, tenta se soltar mas é fortemente segurada. Os sons dos gritos das mulheres são ensurdecedores.

ANA

Me solte.

Eles não escutam.

ANA

Dá para me soltar! Oh mãe, pede para eles...

Ela tenta se soltar mais uma vez.

ANA

Me solta!

O som do clamor e dos gritos são tão altos que é impossível entender o que é dito, a cabeça de Ana continua a ser empurrada violentamente por aquele homem. Os sons ficam mais altos e mais altos.

CORTE PARA.

INT. QUARTO. NOITE

Ana está deitada em sua cama, o silêncio toma o quarto. Ela está olhando para o teto. Não consegue dormir. Levanta-se e começa a andar de um lado para o outro. Em certo momento, olha para sua janela e enfrenta a escuridão que vem de fora com confiança, como se esperasse que algo surgisse dali. Após

alguns segundos, ela sucumbe ao pavor e fecha as janelas e as cortinas. Senta-se em sua cama, deita-se jogando o corpo para trás e mais uma vez volta a olhar para o teto.

INT.RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO.MANHÃ

Ana está olhando fixamente para a janela. O restaurante universitário, que costuma ser barulhento, está em um grande silêncio devido à sua concentração. Ana observa cada pessoa que passa pela rua, esperando ver a sua aparição a qualquer momento. Um estalo de dedos a tira de seu transe, o barulho do restaurante universitário volta a tomar o ambiente, os olhos de Ana se voltam para Nanda, que com o estalar de dedos clama por sua atenção.

NANDA

Cê tá ouvindo?

ANA

O quê?

NANDA

Como assim o que, cara? Tô falando aqui tem dez minutos.

ANA

Desculpa.

NANDA

E você vai poder ir?

ANA

Onde?

NANDA

Caralho, Ana!

ANA

Foi mal, anda fala! Eu tô com a cabeça meio longe.

NANDA

Os Gonçalves tomaram um pedaço da reserva.

ANA

Meu Deus! Quando?

NANDA

O pessoal só descobriu anteontem. Foi só piscar e o lugar estava tomado por tratores.

ANA

E agora?

NANDA

É disso que eu tava falando, cara. Parte dos representantes vem para cá. A gente vai se manifestar na frente da câmara amanhã.

Nanda mostra um post em seu celular que convoca pessoas para a manifestação.

NANDA

E aí, pode ir comigo?

ANA

Claro, com certeza.

NANDA

O que você tem? É por causa dela de novo?

ANA

Não, nada disso.

Ela respira fundo.

ANA

Você vai pensar que eu tô doida.

NANDA

Como assim?

ANA

Eu... eu tenho visto coisas.

A amiga a encara por alguns segundos.

NANDA

Que tipo de coisas?

ANA

Na verdade, uma coisa... uma pessoa.

NANDA

Como assim, cê tá saindo com alguém?

ANA  
Que saindo?... Não, eu tenho visto um fantasma, Nanda. Eu sei que parece loucura, mas...

NANDA  
Um Angã?

ANA  
Quê?

NANDA  
Um Angã, um espírito.

ANA  
Você já viu algo assim?

NANDA  
Eu não, mas uma galera na reserva já. Vez ou outra acontece.

Ana encara a amiga, está assimilando.

NANDA  
Costuma aparecer quando o morto se recusa a ir. Ou quando ele teme ser esquecido... sla, cada um diz uma coisa. Quem é? Um familiar seu?

ANA  
Não, acho que não.

NANDA  
Um avô que foi de base? Uma tia de terceiro grau que rolou a escada?

ANA  
Eu tô falando sério.

NANDA  
Eu também.

ANA  
Ele não é familiar, eu conheceria se fosse. Minha família não é grande.

NANDA  
Então é um homem.

ANA  
Um velho, roupa de militar.

NANDA  
E o que ele faz?

ANA  
Faz?

NANDA  
É!

ANA  
Assim, fazer ele não faz nada. Mas as coisas ficam estranhas quando ele aparece.

NANDA  
Como assim?

ANA  
As pessoas... elas... eu não sei explicar.

Nanda puxa o seu caderno de sua bolsa, o abre, dentro tem um lápis. Ela começa a fazer um círculo em forma de cabeça.

ANA  
O que você tá fazendo?

NANDA  
Por que a não tenta um retrato falado?

ANA  
Como assim? CSI Mãe Diná?

NANDA  
Presta atenção, se a gente chegar próximo do rosto dele, a gente pode descobrir quem é e assim descobrir o que ele quer.

ANA  
Eu não sou boa em detalhes.

NANDA  
Não tem problema.

Nanda começa a desenhar, Ana aponta detalhes, não escutamos o que é dito, apenas o som do lápis riscar o papel e o barulho da multidão no restaurante universitário.

NANDA  
E aí?

Nanda e Ana estão olhando para o caderno.

ANA

Não sei... tá quase, bem próximo. Mas não tá 100% ainda... Não consigo dizer o que é...

Jorge aparece na mesa com uma bandeja de comida.

JORGE

Olá!

Isso assusta as meninas, Nanda fecha o caderno rapidamente.

JORGE

Caralho, ninguém me espera mais, não.

NANDA

Pensei que agora você só almoçasse a Amanda.

As duas riem, Jorge fica sem graça.

JORGE

Vai se fuder, garota!

NANDA

Vai ficar para tarde?

Elas balançam a cabeça em afirmação.

NANDA

Bora na manifestação com a gente amanhã?

JORGE

Não... cada minoria com os seus problemas.

As duas riem.

ANA

Que horror...

JORGE

Claro que eu vou, a gente pode marcar de ir junto.

NANDA

Beleza.

JORGE  
E o que é isso aí?

Ele aponta para o caderno.

ANA  
Nada, a gente só tava...

Antes que ela termine de falar, ele puxa o caderno rapidamente.

NANDA  
Vai rasgar, idiota.

Ele dá uma breve olhada no desenho.

JORGE  
Por que você desenhou o velho da  
estátua?

ANA  
Como assim?

JORGE  
Não é ele? Parece bastante.

NANDA  
Tá falando do quê?

JORGE  
A estátua, pô! Que tem na BR, grandona  
de dedo apontado para o alto.

ANA  
Na 103?

Jorge devolve o caderno a Nanda.

JORGE  
É, um velho em bronze.

ANA  
Quem é?

JORGE  
Eu vou saber, pô?

As duas amigas se olham.

JORGE  
Mas e aí? Quem é esse aí?



CORTE PARA.

EXT. AVENIDA MÉDICE. TARDE

Em uma avenida movimentada, vemos carros passarem a todo momento. Estamos no ponto de vista de algo que está no alto. Aos poucos, vemos Ana e Nanda aparecerem; elas olham diretamente para a câmera. Ana está surpresa com o que vê.

NANDA

Ana, é ele?

Ana parece não escutar a amiga, está com os olhos fixos na estátua, atentando-se a cada detalhe.

NANDA

Ana!

ANA

É ele... como pode? É exatamente ele.

Nanda caminha para próximo da placa da estátua.

NANDA

Não pode ser isso, Ana. Não faz o menor sentido.

ANA

Quem é?

Ela se aproxima da placa que diz "Homenagem a Emílio Garrastazu Médici, 28º Presidente do Brasil."

ANA

Presidente?

NANDA

História nunca foi meu forte...

Nanda pega seu celular e começa a procurar o nome no Google.

ANA

Eu não consigo entender...

Nanda corta a fala da amiga.

NANDA

Não era um presidente, era um ditador.

Ela começa a ler em voz alta.

NANDA

"Médici foi o terceiro presidente do período da ditadura militar brasileira; seu governo foi marcado pelo uso sistemático de meios violentos de repressão, como a tortura e o assassinato."

Ana encara Nanda por alguns segundos.

ANA

Por que um homem desse tem uma estátua?

Nanda dá de ombros e começa a procurar no celular. Ana se aproxima mais da estátua, bem próximo, está a encarar os olhos da figura de bronze.

NANDA

Aparentemente, ele construiu essa rodovia... O governo dele, digo.

ANA

O que alguém assim ia querer comigo?  
Por que eu?

Breve silêncio.

NANDA

Talvez não seja sobre você; talvez seja sobre todos nós.

INT. SALA DE AULA. DIA

Em uma sala de aula, alunos estão levantando para deixar a sala. Ana está na última cadeira. Observa um professor (Homem negro na faixa dos 40) arrumar as suas coisas. Ela espera que todos os alunos deixem a sala. Seu celular recebe uma mensagem, é Nanda, ela abre a mensagem.

MENSAGEM

E aí? Cadê tu?

Ela manda um áudio.

ANA

Amiga, vai na frente. Eu tive que resolver um lance com a coordenação. A gente se encontra lá.

Ela guarda o celular no bolso. Observa o último grupo de alunos deixar a sala. Se encaminha para perto da mesa do professor.

ANA

Dá licença? Professor, eu posso falar com o senhor um minuto?

Ele está desligando o computador, não está olhando para Ana.

PROFESSOR ANDERSON

Se é sobre a avaliação, vai estar no AVA.

Ele olha para Ana.

PROFESSOR ANDERSON

Pera aí? Eu não conheço você... Você deve faltar bastante, não? De qual semestre?

ANA

Não, eu não sou da história.

PROFESSOR ANDERSON

Não? De que curso...

ANA

Engenharia.

PROFESSOR ANDERSON

Engenharia?!

Ana balança a cabeça em afirmação.

PROFESSOR ANDERSON

Você está longe do seu habitat natural, não? O que te traz a essa matéria?

ANA

Eu não estou matriculada, na verdade, eu estou aqui para te pedir ajuda com uma coisa.

PROFESSOR ANDERSON

Que tipo de coisas?

ANA

Dúvidas.

PROFESSOR ANDERSON

Bem... Qual é o seu nome?

ANA

Ana.

PROFESSOR ANDERSON

Bem, Ana, se você conseguir tirar suas dúvidas em 10 minutos, eu tenho que pegar a minha filha. Então não posso demorar muito.

ANA

Claro, é rápido, juro. Eu só queria entender uma coisa.

PROFESSOR ANDERSON

Diga.

ANA

Na BR 103, ali próximo da...

PROFESSOR ANDERSON

A estátua do Médici, não é? Absurdo, sabe em Salamanca, existia um busto de Franco em um dos pontos mais movimentados da cidade. Os cidadãos não aceitavam aquele absurdo, afinal, imagina ver um assassino ser exaltado todos os dias. Sabe o que eles faziam?

Ana balança a cabeça em negação.

PROFESSOR ANDERSON

Eles a depredavam, pichavam e sujavam todo ano. O governo era obrigado a restaurá-la, todo santo ano. Acredita?

ANA

E o que aconteceu?

PROFESSOR ANDERSON

O governo cansou, retirou da praça pública. Já nós aqui, passamos todo dia pelo altar de um monstro. E sabe o que é mais assustador? Ninguém sabe o que significa, a maioria das pessoas nem mesmo prestaram atenção que está

lá.

ANA

É isso que eu preciso entender, por que está lá?

PROFESSOR ANDERSON

Pelo mesmo motivo que aquele palhaço pode ser o nosso futuro presidente. Sabe? É como... uma doença crônica.

Ana olha para o professor sem entender a alusão.

PROFESSOR ANDERSON

Você tem?

ANA

Eu não tô...

PROFESSOR ANDERSON

Sinusite, rinite ou asma?

ANA

Rinite.

PROFESSOR ANDERSON

Isso! Você não cura rinite, ela sempre volta. Mas você consegue impedir os sintomas com tratamento, certo?

Ana balança a cabeça em afirmação.

PROFESSOR ANDERSON

É a mesma coisa... isso não é o tipo de doença que se cura, sabe? Essas ideias autoritárias, essas figuras, elas sempre voltam. Mas nós não somos capazes de tratá-las. Pelo menos, não no Brasil, nossos hermanos argentinos nos superaram nisso. Esse tipo de coisa aqui perdura... se recusa a ir.

ANA

Como um fantasma.

O professor olha com deboche para Ana.

PROFESSOR ANDERSON

Você é bem poética para uma estudante de engenharia, não?

Ana dá um sorriso amarelo.

PROFESSOR ANDERSON  
Se isso é tudo, eu preciso ir.

ANA  
Claro, obrigado pelo tempo. Desculpa  
atrapalhar.

PROFESSOR ANDERSON  
Nada, me manda um e-mail que eu posso  
te recomendar uns artigos bem  
interessantes sobre arquitetura  
autoritária.

ANA  
Pode deixar, obrigado.

Ana se encaminha para deixar a sala.

PROFESSOR ANDERSON  
Ei! Você não me disse sobre o que era  
sua pesquisa.

Ana deixa a sala sem responder a pergunta.

EXT. RUA.DIA

Um ônibus para em um ponto, Ana e algumas pessoas descem  
(parte delas segurando placas e vestindo roupas com estampas  
de protesto). A rua está barulhenta; é possível ouvir os sons  
dos protestos a uma grande distância. Ana retira o celular de  
sua bolsa, digita algo e começa a enviar um áudio.

ANA  
Amiga cheguei, me dá uma referência de  
onde você tá.

Ela olha para o fundo da rua.

ANA  
Tem gente para caralho vai ser foda te achar. Qualquer coisa  
eu te espero no ponto aqui em baixo, pode ser?

Ela envia o áudio e espera pela resposta, enquanto outras  
pessoas passam por ela indo em direção à manifestação. Ana  
respira fundo, impaciente, e liga para a amiga. O som da  
chamada ecoa em seu ouvido. Nesse momento, cinco carros da  
ROTAM (polícia de choque) passam por ela; os quatro primeiros  
passam sem se importar, mas os policiais no último carro

focam em Ana, olhando-a ameaçadoramente. O carro passa por ela e segue em direção à manifestação.

Os barulhos da chamada ficam mais altos, e os olhos de Ana se arregalam. Ela começa a subir a rua correndo, com o telefone nos ouvidos, a chamada cai, e sua amiga não atende. Ela liga mais uma vez.

ANA

Atende porra, atende caralho.

Ele corre mais rápido em direção a manifestação.

CORTE .

INT.CORREDOR DO HOSPITAL.TARDE

Em um corredor de hospital público, lotado de pessoas, Ana está sentada em um banco ao lado de um homem indígena, na faixa dos 50 anos. Ele possui a sua mão enfaixada e parte do rosto machucada. Eles estão em silêncio, vendo diversas pessoas passarem, algumas reclamam da demora, outros gemem de dor. Todos ali são vítimas da violenta repressão da polícia ao protesto.

Um médico adentra ao corredor. Algumas pessoas levantam e vão em sua direção. Elas fazem muitas perguntas e o médico não consegue responder.

MÉDICO

Gente, pelo amor de Deus!

PACIENTE 1

Isso aqui é uma putaria.

PACIENTE 2

Já tem três horas que tá todo mundo esperando aqui sem resposta.

PACIENTE 1

A gente não é palhaço, não, doutor.

MÉDICO

Eu vou pedir para o senhor falar baixo.

PACIENTE 1

Eu nem comecei a falar alto ainda!

O burburinho dos diversos pacientes aumenta.

PACIENTE 2

Como pode ter só 3 médicos de plantão?

O médico, sem paciência, grita.

MÉDICO

Olha só, a gente tá fazendo o que pode aqui!

PACIENTE 1

Se esse é o melhor...

MÉDICO

Se o senhor tá com problema com o serviço, liga para o governador! O senhor tem o número dele? Porque eu não tenho.

As pessoas ao redor não esperavam tal resposta.

MÉDICO

Meu senhor, posso te garantir que se tem alguém que não tá feliz nessa situação sou eu. Pode ter certeza! Posso dar seguimento ao meu trabalho?

O homem não responde.

MÉDICO

Ou o senhor pretende tomar mais do meu tempo? Porque tem gente esperando aí.

Aquele amontoado de pessoas se dispersa.

MÉDICO

Obrigado... Por favor, familiares da Nanda Ñe..... Ñe.. agautu?

Ana e o homem se levantam.

CAUÊ

Aqui, aqui é minha filha, doutor.

Eles se aproximam do doutor. Ele está olhando para a ficha.

MÉDICO

Ñ-E-A-G-A-T-U , esse sobrenome é o quê? Leste europeu...

Antes que ele termine de falar, ele olha para o rosto de Cauê.



MÉDICO

Ah, sim.

Ana, sem paciência, pergunta.

ANA

Como ela está?

MÉDICO

Estável, a pancada na cabeça não fraturou o crânio. Mas vou te falar...

CAUÊ

O que, doutor?

MÉDICO

A bala de borracha não fez estrago por pouco. Se tivesse pego um pouco mais abaixo...

CAUÊ

Vai precisar de cirurgia?

MÉDICO

Não, a gente conseguiu tirar, mas vai precisar fazer umas sessões de fisioterapia. Nada muito pesado.

ANA

Ela vai ficar aqui até quando?

MÉDICO

Já transferimos para a observação, creio que até amanhã à noite. Ver se o quadro tem alguma alteração.

CAUÊ

Já podemos ver ela?

MÉDICO

Daqui a meia hora mais ou menos, quando acabar a transferência de quarto.

CAUÊ

Obrigado, doutor.

MÉDICO

Eu mando alguém chamar vocês quando

estiver tudo certo, ok?

Os dois consentem com a cabeça. O médico se afasta deles e, em direção ao corredor, grita o nome de outra pessoa. Ana está com o olhar fixo, mas para nada específico. A mão do pai de Nanda repousa sobre seu ombro.

CAUÊ

Viu? Te falei que ela era dura na queda.

Ana dá um pequeno sorriso para o homem.

INT.QUARTO HOSPITAL.TARDE

Nanda está deitada sobre um leito, a cabeça está enfaixada. A porta se abre, Ana entra cuidadosamente. Dá uma carinhoso sorriso para amiga.

ANA

Esse é o quarto da Greta Thunberg?

A amiga dá uma alta risada e em seguida um gemido de dor. Ana se aproxima.

NANDA

Levar um tiro de borracha é um privilégio que a greta nunca vai ter.

Ana dá um pequeno sorriso.

ANA

Tá doendo muito?

NANDA

Só quando respira.

ANA

Te pegaram de jeito.

NANDA

É... cadê meu pai?

ANA

Tá subindo, ele não quis vir de elevador.

NANDA

Ele tá bem?

ANA  
Sim, só machucou a mão. Ele estava  
muito nervoso, as..

NANDA  
Mãos tremem, né?

Ana Balança.

NANDA  
Ele anda assim desde que começou essa  
coisa com os Gonçalves. E agora tem  
mais isso.. Desculpa te puxar para  
essa bagunça.

ANA  
Eí, vocês estavam fazendo a coisa  
certa lá. Não tem o que se desculpar.

Breve silêncio.

ANA  
Eu vi ele...

NANDA  
Quem?

Ana encara Ana por alguns segundos.

NANDA  
Lá?

ANA  
Nas viaturas, ele olhou para mim um  
pouco antes de tudo acontecer. Tá  
ficando pior Nanda, eram pequenas  
coisas e agora isso. E se ficar maior?

NANDA  
Não vai. Ei, olha para mim. Nós vamos  
achar um jeito de acabar.

ANA  
Na reserva, quando um Angã se recusa a  
ir, o que vocês fazem?

De repente o pai da Nanda entra no quarto.

CAUÊ  
Acendemos uma fogueira para mantê-lo  
longe.

As duas olham para o homem, Nanda abre um grande sorriso. Ele se aproxima da filha, dá um delicado beijo para que não a machuque.

CAUÊ

Como você está se sentindo?

NANDA

Bem, só um pouco de dor.

Ele sorri levemente, querendo quebrar o clima.

CAUÊ

Está querendo assustar sua amiga?

As duas sorriem.

ANA

É uma piada nossa.

Nanda consente com a cabeça.

INT.SALA DE ESTAR.TARDE

A mãe de Ana está na sala, passando roupa, especificamente uma blusa do Brasil, enquanto assiste à TV. O jornal comenta sobre a violenta repressão da polícia à manifestação. Ana entra em casa bruscamente, passa pela sala sem perceber a mãe.

MÃE

Oh, filha, graças a Deus!

Ela corre até a filha e segura seu rosto.

MÃE

Eles te machucaram?

Ana balança a cabeça em negação.

MÃE

Certeza?

ANA

Tá tudo bem. Quando eu cheguei, a confusão já tinha começado.

MÃE

E a Nanda?

ANA  
Tá bem, o tiro pegou raspando.

MÃE  
Tiro?!

ANA  
Foi de borracha.

MÃE  
Meu Deus do céu, Ana, o que vocês  
estavam fazendo num lugar desses?

ANA  
Era pacífico. Como é que a gente ia  
saber que...

MÃE  
Eu já falei que não gosto de vocês  
envolvidos em militância! Isso é coisa  
de gente violenta.

ANA  
Pelo amor de Deus, mãe! Estávamos  
todos armados de placas e cartazes.  
Tudo muito perigoso.

MÃE  
Vocês estão achando que isso é  
brincadeira? Vocês vão acabar se  
matando e me matando.

ANA  
Mãe... olha, foi um dia terrível. Eu  
não preciso disso quando eu chego em  
casa.

A mãe respira fundo. Abraça a filha.

MÃE  
Desculpa, é que eu fico nervosa.

ANA  
Eu sei, mãe, eu sei.

MÃE  
Vocês dois estão me deixando louca com  
esse negócio de política. Você e seu  
pai indo para esses mutirões. Eu  
sempre falei que isso é perigoso.

ANA  
Desde quando meu pai vai para  
mini-estação?

MÃE  
Desde que se envolveu com essas coisas  
aí.

Ela aponta para a blusa do Brasil estirada na tábua de  
passar. Aquilo incomoda Ana.

ANA  
Eu preciso de um banho.

MÃE  
Vai lá, filha, deita um pouco. Depois  
eu levo comida para você.

ANA  
Obrigado.

Ela caminha em direção a sair da sala, mas antes para, pensa  
e rapidamente volta em direção a sua mãe.

ANA  
Mãe, a gente ainda tem álcool em casa?

MÃE  
Álcool?

ANA  
É... a minha estante de livros tá com  
bastante poeira. Você sabe que isso  
ataca a minha alergia.

MÃE  
Usa o óleo de peroba para limpar.

ANA  
É que eu não gosto do cheiro.

MÃE  
Ahh.. tem sim, seu pai costuma comprar  
um monte para acender a churrasqueira.  
Tá no armário na copa, junto daqueles  
acendedores.

ANA  
Tá bom.

Ana se vira para deixar a sala, mas sua mãe volta a falar.

MÃE

Se você quiser, eu posso limpar  
amanhã.

ANA

Tá tranquilo, eu vou aproveitar para  
dar uma organizada.

INT.COPA.NOITE

Na copa, nos fundos da casa, a porta que a conecta aos fundos da casa se abre. Ana abre um armário que está aparafusado na parede, procura alguma coisa. Acha uns produtos de limpeza, umas velas e um isqueiro; ela o guarda em seu bolso e fecha o armário. Se dirige agora a um pequeno tanque anexado à parede, se abaixa e retira de baixo dele algumas garrafas de álcool.

INT.SALA.NOITE

Na sala de estar, vemos uma cadeira com um moletom preto, que possui um capuz, jogado sobre sua base. No fundo da imagem, Ana passa segurando as garrafas, abre a porta com dificuldade, sai; a porta fica aberta por alguns segundos. Ana volta, pega o moletom da cadeira e deixa a sala, fechando a porta.

EXT.RUA.NOITE

Ana está dirigindo, vestida com seu moletom. Seus olhos estão vidrados na estrada, quase como se estivesse em transe; suas mãos tremem ao segurar o volante. É madrugada, a estrada está praticamente vazia. De repente, um carro em alta velocidade passa ao seu lado, o que a assusta. Ela chega a perder o controle do carro por alguns segundos, como se estivesse dormindo, mas consegue restabelecer o controle e continua a dirigir.

EXT.RUA DESERTA.NOITE

O carro para em uma rua deserta. Apenas alguns veículos estão estacionados ao longo da via, e não se avistam pessoas por perto.

CORTE PARA.

Dentro do carro, Ana está com o rosto encostado no volante, incapaz de controlar suas mãos, que tremem incessantemente. Ela fecha os olhos, respira profundamente algumas vezes para se acalmar, coloca o capuz de seu moletom, sai do carro, abre o porta-malas e retira as garrafas de álcool. Fecha o carro e

segue caminhando pela rua deserta.

EXT.AVENIDA MÉDICE. NOITE

Ana se aproxima da estátua de Médici e coloca as garrafas de álcool no chão. Ela tenta abrir uma das garrafas que está lacrada. De repente, um alto barulho de carro a assusta. Ela olha para a estrada em desespero, mas é só um carro qualquer que passou com o som alto.

Ela tenta abrir a garrafa mais uma vez, mas suas mãos trêmulas atrapalham. Finalmente, ela consegue abrir, levanta a garrafa e encara a estátua por alguns segundos antes de começar a derramar o líquido sobre ela. Devido ao nervosismo, ela deixa respingar um pouco do líquido em sua manga. Ela derrama a segunda garrafa com dificuldade e pega o isqueiro em seu bolso. É difícil acendê-lo, mas ela consegue. A estátua é iluminada pela chama do fogo, e Ana admira a visão por alguns segundos, até perceber que sua manga direita está em chamas.

Desesperadamente, ela começa a bater na manga para apagar o fogo, e com esforço, consegue extinguir as chamas. Ao recuperar o fôlego, Ana se vira na direção de onde veio, mas é impedida pelo fantasma de Médici parado à sua frente. A criatura avança em sua direção com um enorme grito, brutal e não humano, porém, não a toca. Apenas a encara nos olhos, e Ana fica paralisada pelo horror. O rosto ameaçador da figura esboça um pequeno sorriso.

De repente, luzes azuis e vermelhas começam a iluminar a rua, e o som de uma viatura ecoa a certa distância. Ana corre, deixando o local na direção oposta à que veio.

INT.RUA.NOITE/DIA

Ana corre desesperadamente por uma rua, sua respiração está pesada, e seu coração bate aceleradamente. À distância, podemos ouvir o som de uma sirene.

Enquanto corre, Ana passa por uma pequena viela e, em desespero, para de correr por um momento e volta na direção oposta. Ela entra na viela e se esconde atrás de um pequeno muro. Os sons da sirene estão mais altos, quase ensurdecedores. A rua fica tomada pelas cores vermelhas e azuis, e uma viatura policial passa pela viela. Ana está se segurando para não gritar, as batidas do seu coração se misturam com os sons da viatura. No entanto, o carro segue em frente sem percebê-la, e o som da sirene fica cada vez mais distante até se tornar inaudível. Ana fica ali, sentada no chão.



CORTE PARA.

É dia, o sol ilumina todo o beco. Ana, desconfiada, se levanta, verifica se a rua está vazia e deixa o local.

INT.QUARTO.DIA

Ana está deitada em sua cama, dormindo profundamente, ainda vestindo seu moletom queimado. De repente, ouvem-se batidas, o som é distante, mas alto o suficiente para acordar Ana. Ela se levanta desesperadamente, como se estivesse esperando alguém vir buscá-la por seu crime. Fica paralisada por um momento, depois se levanta e deixa o quarto em passos lentos.

INT.SALA DE ESTAR.DIA

As batidas na porta são fortes, Ana as observa, esperando que arrombem a qualquer momento. Ela fecha os olhos, esperando pelo pior até que a voz da sua mãe ecoa por trás da porta.

MÃE

Ana!

Três batidas fortes na porta.

MÃE

Ana, abre aqui pelo amor de Deus,  
mulher!

Batidas na porta. Ana respira aliviada, vai até a porta e a abre, sua mãe adentra com um cesto de roupa na mão.

MÃE

Mas que sono desgraçado da peste! Tô  
te gritando aqui tem 5 minutos. Os  
vizinhos vão pensar que eu sou doida.

ANA

Cadê a tua chave?

MÃE

Teu pai levou, sabe como ele é...  
perde a dele e pega a minha.

Ela coloca o cesto no chão e enxuga a testa. Ana se afasta dela e vai em direção ao sofá.

MÃE

Um calor infernal lá fora, pensei que  
ia derreter esperando você abrir.

Ana está jogada no sofá sem dar atenção. A mãe pega o cesto e parte em direção à cozinha. Ela sai de quadro, mas escutamos ela gritar de outro cômodo.

MÃE (O.S)

Acredita que seu pai perdeu o carro hoje? Eu me pergunto como é que um homem daquele tamanho perde um carro.

Ana parece tensa com o que a mãe está dizendo.

MÃE (O.S)

Já tava pensando que era assalto, mas o vizinho da frente disse que o carro tava parado no final da rua. Como pode? Só não perde a cabeça porque tá presa... a propósito...

O celular de Ana toca, ela puxa do bolso rapidamente e atende.

NANDA

Caralho, o que você fez?

ANA

Pera, como você...

Nanda interrompe.

NANDA

Liga a TV.

Ana liga a TV, aparece um desenho aleatório.

ANA

Qual canal?

NANDA

Na central, liga na central... é o canal...

A voz de Nanda se afasta do telefone.

NANDA

Pai, qual é o número da central?

A boca volta para perto do telefone.

NANDA

Canal 4, liga no 4.

Ana obedece. Uma repórter está em frente à estátua, que é quase irreconhecível perante o estrago causado pelo fogo.

REPÓRTER

A polícia ainda investiga os motivos que levaram a tal vandalismo, mas se acredita ser questões políticas.

A matéria corta para antigas imagens de arquivo da estátua.

REPÓRTER (O.S)

O monumento realizado nos anos 60 é uma homenagem ao presidente Emílio Garrastazu Médici, responsável por um dos momentos mais repressivos da ditadura militar.

A matéria corta para o professor Anderson sendo entrevistado, abaixo da sua imagem aparece seu nome e a sua profissão "Professor de História do Brasil da UFMT".

ANDERSON

Médici foi bastante conhecido pela sua forte opressão sobre a oposição, existem mais de 600 desaparecimentos ligados ao seu governo. É no mínimo uma figura controversa na história da nossa nação.

REPÓRTER 1

Professor, e o que o senhor tem a dizer sobre o atentado?

ANDERSON

Olha, jamais apoiaria um ato tão radical como esse, que poderia até mesmo ter causado um acidente maior. Mas ao mesmo tempo, é importante repensar que tipo de significado um monumento como esse pode trazer, principalmente...

A mãe de Ana chega na sala, falando alto, o que impede de escutar o resto da entrevista.

MÃE

Ei, se não tá escutando eu te chamar, não?

ANA

Pera aí mãe, é importante.

Ana aumenta o volume, mas sua mãe não para de falar.

MÃE

Cê viu, menina, o que fizeram? Que absurdo!

ANA

Pera aí, mãe...

MÃE

É seu professor?

A entrevista acaba, o jornal volta para a sede de sua redação.

JORNALISTA 2

Em nota, a prefeitura disse que já estão sendo disponibilizados recursos para a reparação do patrimônio público, e que a polícia militar está realizando investigações.

Ana olha para a TV, dá um profundo suspiro.

MÃE

Tomara que peguem esses vagabundos, já pensou se isso vira moda?!

O celular está na mão direita de Ana, esquecido. Ela o recoloca no ouvido.

ANA

Nanda?

NANDA

Você viu? Viu? Garota, o que você fez?

ANA

Ei! Ei! Escuta!

NANDA

Tem noção do que pode acontecer com você, e se eles te pegassem lá? Você tá completamente louca.

ANA

Acabou, acabou.

NANDA

Certeza? Como você pode ter certeza?

ANA

Falo com você depois.

NANDA

Ana... você não tá entendendo...

Ana desliga o telefone, encosta no sofá. Parece agora relaxada. A TV emite sons da reportagem.

REPÓRTER 2 (O.S)

Na Arena Pantanal está ocorrendo o ato em apoio ao candidato Jair Bolsonaro após o atentado à sua vida na semana passada.

Ana não olha para a TV, está de olhos fechados, como se estivesse relaxando.

REPÓRTER 2 (O.S)

Aproximadamente 5 mil pessoas compareceram.

A voz do pai de Ana sai da televisão, no susto Ana olha em direção à tela. Ele está sendo entrevistado, está cercado de pessoas vestindo verde e amarelo.

PAI

Hoje é um dia importante para a nação, para dizermos que não vamos deixar o nosso país nas mãos de corruptos.

As pessoas ao redor dele gritam em euforia. Ele parece gostar da atenção. A mãe de Ana aparece rapidamente na sala e empolgadamente aponta para a TV.

MÃE

Ai meu Deus! Ai meu Deus! Tira uma foto, Ana, anda, tira, sua tia não vai acreditar!

Ela pega seu celular e começa a ligar para alguém. A entrevista continua.

PAI

Nós estamos com você, presidente.

As pessoas ao redor começam a gritar "mito!"

PAI

Deus acima de tudo, Brasil acima de todos!

Os gritos dos homens ficam maiores. A mãe de Ana está no celular.

MÃE

Claudinha, liga a TV, Marquinhos tá na Central.

Ana não dá atenção à mãe, nem mesmo ao pai que aparece na TV, o que seus olhos estão atentos é a uma figura, no fundo, quase imperceptível, presente no meio daquela multidão de pessoas vestindo verde e amarelo. Ali parado, imperceptível pelos fanáticos, como se olhasse para a câmera, está Médici. Ana olha fixamente para a TV e Médici olha fixamente para a câmera, como se encarassem.

FIM.